

EUROPE NEEDS
JESUS, NOWL'EUROPE A
BESOIN DE JÉSUS,
MAINTENANT

EVROPA POTŘEBUJE JEŽÍŠE

A EUROPA PRECISA DE JESUS AGORA

EUROPA NECESITA
DE JESUS, AHORAL'EUROPA HA
BISOGNO DI GESÙ,
ADESSO

EUROPE HEEFT JESUS NODIG, NU

europa
braucht jesus
»jetzt.«
europe needs jesus

EUROPA

Extensão – 10,3 milhões de quilômetros quadrados

População – 730,5 milhões

Número de países e dependências – 58

Expectativa de vida – 76

Número de cristãos – 585,7 milhões

Porcentagem de cristãos – 80,2%

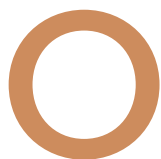
A Europa se perdeu. O caminho da fé traçado pelos cristãos durante séculos parece abandonado. Ateísmo, materialismo, egocentrismo e muitos outros “ismos” estão, ao mesmo tempo, como uma neblina sobre os europeus. A Europa precisa de Jesus. Não só a Europa Oriental, mas também a Europa Ocidental. Esta é a tradução do quadro publicado na revista AVC Report (Aktion für Verfolgte Christen und Notleidende) de janeiro de 2012.

De fato, a Europa se perdeu. A reevangelização — ou a nova evangelização — da Europa é necessária. Reevangelizar

é colocar as pessoas outra vez na órbita de Cristo. Não é uma tarefa fácil, pois para muitos europeus o evangelho não é bom nem novo. Não é novo porque o cristianismo já foi experimentado. Não é bom porque o cristianismo é desnecessário. A Europa pós-cristã é como a mulher divorciada. Enquanto a mulher solteira tem ideais, esperanças, sonhos e aspirações, a divorciada tem frustrações, lembranças amargas, experiências desagradáveis e apatia. Por isso, é preciso passar à Macedônia outra vez e pregar o evangelho a essa mulher divorciada.

O CRISTIANISMO EUROPEU: UMA HISTÓRIA DE LUZES E SOMBRAS

Alderí Souza de Matos



cristianismo surgiu na Palestina, ou seja, na Ásia ocidental, mas foi na Europa que ele mais se expandiu nos séculos seguintes. Sem dúvida, por muito tempo houve uma forte presença cristã no

Oriente Médio, no norte da África, na região do Cáucaso e em outros locais, mas a expansão islâmica e uma série de circunstâncias políticas, demográficas e sociais fizeram com que o continente mais intensamente cristianizado fosse a Europa. Essa situação perdurou até o século 19, quando, graças ao esforço missionário, a fé cristã foi levada a todas as regiões do globo. Assim, durante a maior parte de sua história, o cristianismo foi identificado, para o bem e para o mal, principalmente como uma religião europeia. O objetivo desta análise é apresentar inicialmente alguns aspectos negativos e em seguida algumas contribuições positivas dessa longa trajetória cristã em solo europeu.

Um legado doloroso

Um dos fenômenos negativos associados à igreja cristã desde o período antigo foi o espectro da intolerância. Isso não estava presente na mensagem de Jesus, cujos ensinamentos se centraram no amor, no altruísmo e no perdão até mesmo aos inimigos. Porém, a partir do quarto século, com a aliança entre igreja e estado na época do imperador Constantino, surgiu o uso da força e da coerção contra os dissidentes do cristianismo majoritário, oficial. Os primeiros indivíduos a serem executados como hereges na história da igreja foram o espanhol Prisciliano, bispo de Ávila, e seis de seus simpatizantes, em 385. Outro caso conhecido no período

antigo — esse de proporções mais amplas — foi a repressão estatal contra os donatistas do norte da África, no início do quinto século.

Durante a Idade Média, intensificaram-se as perseguições da igreja e do estado contra indivíduos e grupos considerados heterodoxos. A partir do século 12, o crescimento da seita dos cátaros ou albigenses no sul da França levou diversos papas a aperfeiçoarem os métodos de supressão da heresia. Na década de 1230, Gregório IX criou um tribunal especial para tratar desses casos — a inquisição. As confissões, que podiam ser obtidas mediante tortura, com frequência resultavam em condenação à pena capital, que era aplicada pelas autoridades civis. Entre as vítimas estavam pessoas acusadas de bruxaria (principalmente mulheres) e judeus condenados por conversão insincera à fé cristã. Em 1478, Sixto IV autorizou a temida Inquisição Espanhola. Com o surgimento da Reforma, muitos grupos protestantes sofreram intolerância e alguns deles também perseguiram os seus próprios hereges.

Outro legado triste associado à história cristã europeia, e que se estendeu até o período moderno, foram as guerras empreendidas por cristãos dentro e fora daquele continente. O exemplo mais conhecido destas foram as Cruzadas, uma série de campanhas militares nos séculos 12 e 13 destinadas a libertar a Palestina das mãos dos muçulmanos. No período da pós-Reforma, ocorreu a devastadora Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), que, embora tenha tido diferentes motivações, também teve um componente religioso. Esse conflito foi um dos fatores que levaram ao surgimento do Iluminismo, no século 18, com sua postura secularizante e sua crítica à religião e aos dogmas.



DURANTE A MAIOR PARTE DA HISTÓRIA, O CRISTIANISMO FOI IDENTIFICADO, PARA O BEM E PARA O MAL, COMO UMA RELIGIÃO EUROPEIA

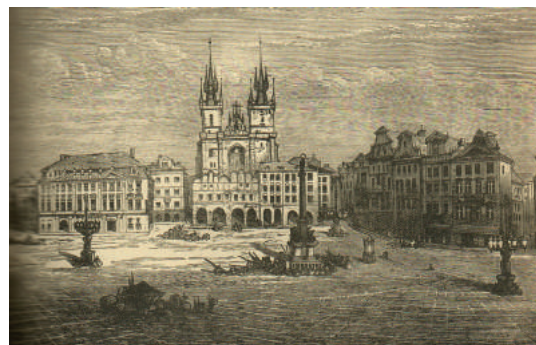
Adoração às margens do rio Whitadder, Escócia

Contribuições duradouras

Felizmente, a longa história cristã na Europa também teve aspectos construtivos de grande valor. Uma instituição relevante em muitos sentidos foi o monasticismo. Já no período antigo, mas principalmente na Idade Média, os mosteiros, que se multiplicaram às centenas em muitos países, realizaram um notável trabalho nas áreas de missões, beneficência e preservação da cultura. Em uma época em que as estruturas estatais eram ineficientes e a insegurança generalizada, os monges assistiram às populações afligidas por guerras, epidemias e catástrofes naturais. Em suas bibliotecas e salas de escrita, os mosteiros não só preservaram as Escrituras, mas boa parte da cultura literária da antiguidade.

Um dos capítulos mais nobres da história do cristianismo europeu foi o esforço missionário que progressivamente implantou a fé cristã em todo aquele continente. Enfrentando enormes obstáculos, e muitas vezes a própria morte, os pregadores, principalmente monges católicos e ortodoxos, evangelizaram as tribos bárbaras que deram origem às modernas nações europeias. Com o evangelho, levaram-lhes também cultura e civilização, criando o alfabeto e dando-lhes uma língua escrita, bem como uma grande variedade de instituições políticas e sociais. Mais tarde, missionários europeus levaram esses benefícios e outros a povos de todos os continentes.

É importante lembrar que, até o final do século 19, o cristianismo foi a influência intelectual predominante na vida e na cultura da Europa e do Ocidente. Foi em círculos cristãos que surgiram as primeiras universidades a partir do século 12 e desde então foram extraordinárias



Vista de Grosse Ring, Praga, onde os mártires eram executados

as contribuições cristãs à educação. Foi no âmbito do cristianismo que surgiu a ciência moderna e muitos cientistas foram e são indivíduos de fortes convicções cristãs. A própria fé cristã, com sua visão integrada do mundo e da natureza, de um universo regido por leis fixas, fruto da criação divina, foi um poderoso estímulo para o surgimento da ciência nos moldes atuais.

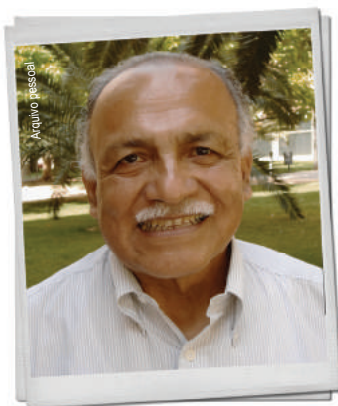
Em conclusão, a história demonstra que, ao se afastar de seus princípios e valores fundamentais, a cristandade europeia fez muitas coisas que os cristãos de hoje lamentam profundamente. Por outro lado, sem as contribuições positivas e construtivas dadas pelo cristianismo naquilo que ele tem de melhor, a Europa e o mundo seriam muito diferentes — para pior — do que são nos dias atuais.

Alderi Souza de Matos é doutor em história da igreja pela Universidade de Boston e historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. É autor de *A Caminhada Cristã na História e Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil*. asdm@mackenzie.com.br



A EUROPA EM TRÊS TEMPOS

Samuel Escobar



O missionário Samuel Escobar e sua esposa, Lilly, trabalharam com estudantes universitários da América Latina e Canadá durante 26 anos.

Judeus e cristãos compartilham uma visão do ser humano como pessoa histórica, ou seja, como protagonista de um processo que tem direção e sentido. Os profetas do Antigo Testamento estão entre os primeiros escritores que articulam uma visão da história na qual Deus vai cumprindo um propósito. A existência e a história de Israel são parte do cumprimento do propósito divino. Fatos como o surgimento do povo judeu, sua libertação da escravidão no Egito, seu estabelecimento no território que chamamos de Terra Santa, seu exílio, quando se espalharam por todo o mundo antigo, são partes do plano divino para bendizer todas as nações da terra. Passagens bíblicas como a de José no Egito, a de Ester na Pérsia ou a de Neemias são exemplos dessa visão da história. O cristianismo que surge em meio ao povo judeu tem essa mesma visão e considera o nascimento de Jesus em Belém, sua vida e ensinamentos, sua morte e ressurreição como parte do cumprimento do propósito divino. Neste ponto, as visões cristã e judaica diferem, pois não interpretam Jesus da mesma maneira. Na visão cristã, que com o tempo se impôs na Europa, a história se divide em um antes e um depois de Cristo. Nossa maneira de medir o tempo histórico reflete essa visão: vivemos 2012 anos depois do nascimento de Jesus.

Uma maneira de compreender a Europa de hoje é também por meio da referência a Jesus Cristo. Podemos falar de uma Europa pré-cristã, uma Europa cristã e uma Europa pós-cristã. Moro na Europa, na cidade de Valência, na Espanha, situada na parte leste da península Ibérica, na costa do mar Mediterrâneo. Uma das ruas principais da cidade se chama San Vicente Mártir, pois durante uma das perseguições romanas contra os cristãos, no quarto século, morreu aqui como mártir um cristão conhecido por sua fé e seu ensinamento. No museu histórico da cidade, chamado *La Almoína* (em português, A esmola), podem ser vistos restos da calçada romana que atravessava a cidade no primeiro século, e também restos da igreja visigoda, construída no quarto século, perto de onde o mártir Vicente foi enterrado. Essa perseguição aos cristãos foi uma marca da Europa pré-cristã.

A Europa pré-cristã

A Europa do primeiro século é a Europa pré-cristã, que estava sob o domínio político do Império Romano — mas na língua e na cultura predominava a influência grega. O domínio de Roma alcançava também o que hoje chamamos Ásia Menor e o norte da África. O idioma predominante, principalmente na parte oriental do império, era o grego *koiné*, no qual foi escrito o Novo Testamento. A expansão evangelizadora da igreja parte de Jerusalém, que ficava em uma região periférica do império; Roma era o centro. Roma havia forjado o império baseando-se em um exército poderoso e uma política de fundar cidades-chaves (urbanização) e construir caminhos (comunicação). Assim como os gregos, os romanos chamavam de “bárbaras” as tribos que, provenientes da Ásia ou de regiões vizinhas ao império, se amontoavam nas fronteiras para entrar. No entanto, a Europa do primeiro século não era nem sombra da Europa de hoje. A economia estava baseada na escravidão, o poder sobre os súditos era exercido sem controle e misericórdia, não havia instituições para ajudar os pobres e o endividamento podia conduzir à escravidão. Os castigos àqueles que infringiam as leis eram de grande crueldade e as autoridades valorizavam a paz social a qualquer custo. Diversas religiões realizavam cultos imperiais, os quais proviam o suporte ideológico para legitimar o império. Ser cidadão romano outorgava certos privilégios e direitos, mas não era fácil alcançar a cidadania.

Para os historiadores continua sendo um mistério como uma fé brotada na distante Jerusalém, entre pessoas sem poder político, nem prestígio, nem riquezas pôde, em menos de um século, chegar até o coração do império e se estender por todas as suas regiões. Um dos atuais especialistas no assunto, o sociólogo estadunidense Rodney Stark, no livro *The Rise of Christianity* (A ascensão do cristianismo), calcula que o número de cristãos no ano 300 era de 5 a 7 milhões. Ele se baseia em estudos antigos, como os de Harnack, e em mais recentes, como os de Mac Mullen, entre outros. Começando com uma estimativa de que no ano 40 havia mil cristãos, ele apresenta uma escala de crescimento a um ritmo acelerado de 40% por década:

Ano	População cristã	Porcentagem
40	1.000	0.0017%
50	1.400	0.0023%
100	7.530	0.0126%
150	40.496	0.07%
200	217.795	0.36%
250	1.171.356	1.9%
300	6.299.832	10.5%
35	33.882.008	56.5%

Esse crescimento ocorreu especialmente na Ásia Menor, no norte da África e no que hoje é a Europa. Dada a qualidade de vida dos cristãos e os altos valores éticos de sua conduta, o crescimento numérico foi logo acompanhado de um impacto social que mudou a vida no império.¹

Na narrativa do livro de Atos dos Apóstolos vemos que a entrada do evangelho na Europa teve lugar na cidade de Filipos, durante o primeiro século da era cristã. Paulo tinha planejado uma viagem em direção à Ásia Menor, mas de maneira muito explícita o Espírito Santo o guiou e, em uma noite, ele teve uma visão de um homem que lhe dizia: “Passa à Macedônia e ajuda-nos” (At 16.9). De imediato o apóstolo e sua equipe se dirigiram a Filipos, onde a mensagem do evangelho transformou três pessoas-chaves: uma mulher abastada, cuja casa passou a ser lugar de reunião; uma jovem escrava, que ao ser liberta do demônio deixou de dar lucro para seus amos e estes armaram uma confusão; e um carcereiro, funcionário endurecido que passou a comportar-se mais humanamente. Assim foi fundada a igreja que Paulo amou de forma especial (At 16.6-40). Foi uma igreja que se distinguiu por sua generosidade, tal como reconhece o apóstolo em uma de suas epístolas (2Co 8.1-5).

O tom da narração indica a importância que Lucas dá à entrada na Europa. No primeiro século os judeus haviam se dispersado por todo o Império Romano e, como mostra o livro de Atos, em muitos lugares a colônia judaica foi o contato inicial para a pregação do evangelho de Jesus Cristo. Há estudiosos que consideram Paulo “o primeiro europeu”, pois em sua pessoa se conjugavam o judeu, o grego e o romano. Ele se formou na escola de Gamaliel, o melhor mestre da herança judaica, era familiarizado com a cultura grega, como demonstram seus escritos, e era cidadão romano, algo de que se orgulhava.

Até o fim do primeiro século, em boa parte do que é hoje a Europa, havia igrejas que cresciam apesar das dificuldades e perseguições. No final do terceiro século, o evangelho já havia se espalhado por todo o território romano e, diante da decadência moral e social do império, a presença cristã foi um fator de correção e renovação espiritual e social. Quando os bárbaros invadiram o império, missionários cristãos evangelizaram os invasores e, assim, a Europa chegou a ser predominantemente cristã. Até o quarto século a decadência do Império Romano se acelerou e aumentou a pressão das invasões bárbaras. Na Europa este é o marco para o contínuo avanço dos monges missionários cristãos, que não só evangelizaram os bárbaros, mas também preservaram a herança cultural da antiguidade em grandes bibliotecas.

O missionólogo brasileiro Valdir Steuernagel nos oferece um excelente quadro desta etapa no segundo capítulo de seu livro *Obediência Missionária e Prática Histórica*.

Após a perseguição imperial, veio a aceitação do cristianismo, graças à chamada “conversão do imperador Constantino”. Primeiro os cristãos foram aceitos como adeptos de uma religião tolerável (Edito de Milão, ano 313); em seguida, por decreto, o cristianismo passou a ser a religião do Estado (Edito de Tessalônica, ano 381). Alguns evangélicos creem que a união entre a fé cristã e o império traria, com o tempo, a lenta perda da identidade cristã. No entanto, com a nova posição de privilégio, seria possível para os cristãos influírem na legislação e no sistema educativo, criarem instituições que expressassem sua compaixão e espírito de serviço. Os líderes da igreja, bispos e arcebispos chegariam a ser figuras poderosas e influentes na política e nas guerras. É isso que conhecemos como a “cristandade”.

É preciso reconhecer nos séculos seguintes o trabalho de evangelização na Europa, em que se destacam missionários que seriam pregadores, evangelistas, tradutores e pastores. No extremo sudeste da Europa, por exemplo, onde hoje é a Turquia, Ulfilas (311–383) levou a cabo sua missão entre os godos. Patrício da Irlanda (c. 390–460) evangelizou o extremo noroeste, onde hoje são as ilhas Britânicas. Columba (c. 521–597) foi o missionário irlandês que organizou a comunidade de Iona, na Escócia, de onde se enviaram missionários para toda a Europa.² Em reação à “mundanização” da igreja, trazida pela aliança com o poder político, surgiu o movimento monástico: um esforço para manter a pureza de vida e doutrina. Assim, o movimento missionário ligou-se intimamente aos monges e monastérios.

A Europa cristã

Estamos tão acostumados a pensar na Europa como fonte da ação missionária cristã que podemos esquecer que a fé cristã é originária da Palestina e que, nos primeiros séculos, se estendeu marcadamente pelo Egito e norte da África. Entretanto, entre os anos 500 e 1500, essa fé se arraigou na Europa, influenciando na cultura que surgia como fusão dos elementos hebraico, grego e romano. A isso se somaria a bagagem peculiar que aportavam francos, britânicos, celtas, visigodos e outros grupos bárbaros. Essa fusão de heranças diversas originou o que chamamos “cultura ocidental”. O regime da cristandade, a união entre poder político e religioso, foi experimentado tanto no cristianismo oriental, que se havia estendido pela Ásia Menor, com sede em Constantinopla, como no cristianismo latino, com sede em Roma e com pretensões de universalidade.

A obra missionária dos primeiros séculos que mencionamos nem sempre seguiu o modelo evangélico atual de pregação: conversões individuais e formação da

igreja com os convertidos. Na evangelização das tribos que chegaram a formar a Europa houve conversões coletivas notáveis.³ Os francos, por exemplo, dominaram a Gália e lhe deram o nome de França. Clóvis, seu rei, se casou com uma princesa cristã chamada Clotilde. Os francos estavam em guerra contra os alemães, que disputavam o território da

Gália. Em determinado momento, o rei Clóvis prometeu a Jesus Cristo que, se lhe desse a vitória, se converteria à fé cristã. Os alemães foram derrotados e no dia de Natal do ano 496 o rei gaulês foi batizado em Reims. O evento gerou uma conversão em massa dos francos. De acordo com Alan Kreider, em *The Change of Conversion and the Origin of Christendom* (A mudança da conversão e a origem da cristandade), esta “conversão” de Clóvis e dos francos era o equivalente religioso

de um *fast-food*, muito diferente das conversões da época do Novo Testamento. Para batizar-se, a pessoa renunciava publicamente aos ídolos e inclinava-se ante os sacerdotes católicos em sinal de submissão. A consequência destas conversões massivas foi que os bispos cristãos passaram a ter um papel político importante e a possuir tanto poder religioso como civil. Bastava então nascer em um destes reinos dominados por um monarca cristão para ser batizado e considerado parte da igreja.

No regime da cristandade na Europa, os sinais exteriores da presença dos cristãos são evidentes: as catedrais costumam ocupar o centro da cidade e ter os edifícios mais altos, cruzeiros enormes dominam a paisagem, tanto nas cidades como nos campos, e há crucifixos nos escritórios de instituições médicas, jurídicas, administrativas ou policiais. A cruz também está gravada nos escudos dos guerreiros. A vida das pessoas é regida pelo som dos sinos das igrejas, que marcam as horas de oração; o calendário marca as datas importantes das celebrações cristãs, como a Páscoa e o Natal. Nas universidades, a teologia é a rainha das ciências e o centro do currículo. Os bispos de Roma se impuseram aos demais e copiaram a estrutura do império, fazendo da capital o centro do poder da igreja. Assim surgiu o catolicismo romano, que foi deixando de lado ou reformulando aspectos da fé cristã. Em muitos casos, mesmo com todos os sinais exteriores da fé cristã, não havia vivência do evangelho. Antes, tratava-se de um cristianismo nominal. Os movimentos de reforma e renovação que precederam a Reforma Protestante do século 16, e esta mesma reforma, foram críticos da condição espiritual do cristianismo meramente nominal das sociedades europeias.

Não exageramos ao afirmar que neste processo de formação da Europa a belicosidade e o espírito de conquista dos reis cristãos, bem como as batalhas entre cristãos, eram uma negação do Espírito de Cristo. Isso explica por que, com o surgimento do Islã como uma força religiosa conquistadora,

PAULO AMAVA DE FORMA ESPECIAL A IGREJA DE FILIPOS, A PRIMEIRA A SER FUNDADA NA EUROPA



O pregador reformado Herman Modet, em suas pregações ao ar livre nos Países Baixos, a partir de 1566, conseguia reunir até 15 mil pessoas

a resposta da Europa cristã foram as Cruzadas, nas quais se utilizou todo tipo de crueldade e violência. Também na pintura de alguns artistas europeus, Cristo, em vez de ser o profeta e mestre galileu que revelava o amor de Deus a todos os seres humanos, passou a ser o campeão, inspirador e protetor dos europeus em suas guerras.

Já mencionei San Vicente Mártir da cidade de Valência, onde moro. Há outro San Vicente igualmente popular entre os valencianos. É San Vicente Ferrer (1350-1419), que encarna os valores da cristandade. Ele foi pregador eloquente e também político hábil e astuto. Em seus sermões e escritos há uma nota claramente antissemita; ele queria converter os judeus à força. Ainda que o admire como intelectual, prefiro o outro Vicente, o Mártir, como modelo de vida e entrega a Cristo. Vicente Ferrer incorpora as ambiguidades da cristandade católica: um discurso de vocabulário sublime e categorias cristãs acompanhado de uma atuação política e religiosa com muito pouco da ética derivada da mensagem de Jesus Cristo e seus apóstolos.

No século 16, com o descobrimento das Américas, saem da Europa cristã os missionários que empreenderão a evangelização do chamado “Novo Mundo”. A experiência de como haviam sido evangelizados os europeus e o conceito de união completa entre poder político e religioso fazem com que a empresa missionária da Espanha e de Portugal esteja intimamente ligada à conquista militar e política. A mesma ambiguidade com respeito à qualidade da vida cristã na Europa medieval se traslada às Américas. O

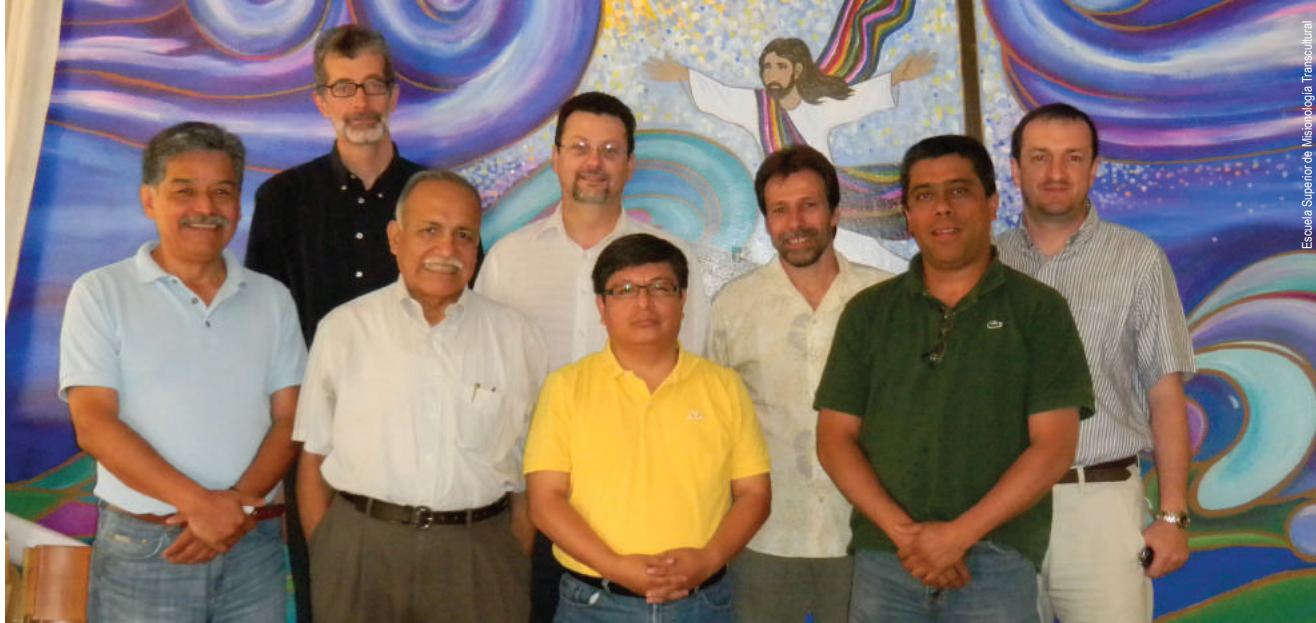
teólogo católico Gustavo Gutiérrez, no livro *En Busca de los Pobres de Jesucristo* (Em busca dos pobres de Jesus Cristo), demonstra como ao longo dos séculos da história europeia foi se desenvolvendo uma teoria missionária que justificava o emprego da força para “civilizar”, com o fim de em seguida evangelizar, como se fez na conquista ibérica das Américas. Porém, Gutiérrez mostra também que houve pessoas, como o dominicano Bartolomé de las Casas, que queriam seguir o modelo evangelizador de Jesus Cristo. O missiologista luterano Valdir Steuernagel, no terceiro capítulo do livro que citei

acima, nos apresenta um retrato de Francisco de Assis e de seu esforço para reformar a cristandade e fazer missão seguindo o modelo de Jesus. Um resumo útil das ambiguidades da evangelização portuguesa, no caso do Brasil, nos é oferecido por Elben César, em seu livro *História da Evangelização do Brasil*.

No século 16, a Reforma Protestante transformou especialmente o norte da Europa, acarretando o avanço da ciência e da tecnologia e, logo, a Revolução Industrial. A sociedade feudal de grandes senhores e servos da Idade Média foi substituída pela sociedade capitalista, que Marx analisou

e criticou. Dos séculos 17 ao 19, os despertamentos espirituais dentro do protestantismo, como o metodismo e o movimento *evangelical* no mundo de língua inglesa, tiveram influência no surgimento do sindicalismo e da evolução em direção a sociedades mais democráticas e menos injustas no aspecto social e econômico. Os intelectuais precursores da Revolução Francesa de 1789 foram críticos do cristianismo feudal e pregaram uma sociedade laica, livre do domínio

NAS UNIVERSIDADES, A TEOLOGIA ERA A RAINHA DAS CIÊNCIAS E O CENTRO DO CURRÍCULO



Missiólogos coordenadores do Foro Missiológico, representantes de oito países, entre eles o Brasil (Carlos del Pino)

do catolicismo constantiniano. Em um ambiente polêmico iniciaram-se as definições sobre os direitos humanos. A Igreja Católica adotou uma postura defensiva e reacionária, fazendo com que, na Europa latina (França, Espanha, Itália, Portugal), o cristianismo fosse identificado como inimigo da liberdade e do progresso — o que influiu sobre os latino-americanos, que lutavam para romper o jugo colonial no início do século 19.

Ainda que nos países protestantes a tensão tenha sido menor, também no mundo de língua inglesa e alemã apareceram intelectuais que, aplicando um racionalismo sistemático à fé cristã, questionaram a influência das ideias cristãs na sociedade. A obra missionária protestante, especialmente a procedente da Grã-Bretanha, floresceu no século 19. Ela estava ligada aos interesses imperiais da missão ibérica do século 16. Contudo, isso não impediu que Ásia, África e América Latina olhassem os missionários protestantes como propagadores do progresso científico, social e econômico da Europa. Os críticos das missões cristãs citaram muito uma frase famosa do missionário David Livingstone em um discurso a uma junta que o enviava da Inglaterra: “Regresso à África para abrir um caminho para o comércio e para o cristianismo”.

No século 20, as duas guerras mundiais e o surgimento do nazismo e do comunismo foram uma demonstração de que a Europa já não podia orgulhar-se de ser uma Europa cristã. Nas duas guerras mundiais havia capelães cristãos abençoando as tropas de ambos os lados. As igrejas estavam tão débeis que não podiam impedir a guerra? Como os cristãos alemães podiam ter permitido o Holocausto, em que

Hitler matou 6 milhões de judeus? Relativamente poucas foram as vozes valentes que protestaram em nome da fé. Por sua vez, os intelectuais que dominavam a cena cultural eram inimigos do cristianismo. Este é o caso dos três conhecidos “mestres da suspeita” (expressão criada pelo teólogo francês Jacques Ellul): Karl Marx, Sigmund Freud e Friedrich Nietzsche. Para Marx, a religião em geral, incluindo o cristianismo, era o “ópio do povo”; e, para Freud, uma ilusão que não tinha futuro.

NO SÉCULO 20, AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS E O SURGIMENTO DO NAZISMO E DO COMUNISMO FORAM UMA DEMONSTRAÇÃO DE QUE A EUROPA JÁ NÃO PODIA ORGULHAR-SE DE SER UMA EUROPA CRISTÃ

A Europa pós-cristã

Na França, no ano de 1943, em plena guerra mundial, os abades católicos Godin e Daniel escreveram um livro que caiu como uma bomba entre os cristãos que pensavam sua fé e se interessavam pela missão cristã. O título do livro era *La France, Pays de Mission?* (França, país de missão?). Usando estatísticas sobre a prática religiosa quase nula dos franceses, sobretudo dos universitários e dos trabalhadores sindicalizados, os autores sustentaram que, ainda

que os católicos franceses enviassem missionários à África e à Ásia, na verdade, a própria França era um território de missão, onde era preciso anunciar a mensagem cristã e chamar as pessoas à conversão. Desta tomada de consciência do catolicismo francês surgiu a experiência dos sacerdotes obreiros.

O próprio conceito de missão mudou durante o século 20. Na situação da cristandade, a ideia da “missão cristã” evocava um deslocamento geográfico de pessoas especialmente dedicadas a levar o evangelho de “países cristãos” a territórios “não cristãos”. Essa foi a visão da famosa Conferência Mundial Missionária realizada em Edimburgo, Escócia, em 1910. Naquela ocasião, representantes da maioria das missões protestantes europeias e estadunidenses se reuniram

para formular um ambicioso plano para permitir “a evangelização do mundo nesta geração”. Depois de um século de trabalho intenso e frutífero, as mais antigas juntas missionárias protestantes sonhavam em “completar a tarefa” de evangelizar o mundo inteiro. Essa conferência foi um marco na história do cristianismo.

Em Edimburgo aconteceu algo importante para os ibero-americanos. Pela pressão de um setor mais próximo do catolicismo na igreja anglicana, foram excluídos da

conferência os missionários protestantes que trabalhavam em países católicos ou ortodoxos. De acordo com Justo González, em seu livro *História del Cristianismo* (História do cristianismo), alguns luteranos que queriam evitar a presença de missionários metodistas ou batistas em países europeus de maioria luterana também apoiaram isso. Considerava-se que esses países já eram cristãos e que neles não havia lugar para missões protestantes. Foram inúteis os protestos de missões e missionários evangélicos que sabiam que a realidade espiritual dos países católicos, por exemplo, estava longe de ser uma realidade em que se pudesse considerá-los como já evangelizados. Assim, predominou o conceito de igreja territorial, próprio da situação da cristandade.

Hoje, a ideia de “país cristão” já não é aceitável nem sequer na Europa ou nos Estados Unidos. Em 1928, na reunião do Conselho Missionário Internacional, em Jerusalém, os missionários e teólogos fizeram soar uma voz de alerta, mostrando que os países europeus precisavam de missionários, pois estavam se “descristianizando”. O conceito de missão como deslocamento geográfico foi substituído por um conceito mais bíblico, que entende que a igreja deve ser missionária onde quer que esteja, em seu próprio ambiente ou em terras distantes. Uma igreja não é missionária simplesmente porque envia missionários a terras distantes, como se sua missão já estivesse cumprida em seu próprio contexto. A igreja estará sempre em estado de missão, pois o mundo todo é campo missionário para o povo de Deus.⁴

A Europa é hoje um campo missionário. A vida cômoda em uma sociedade de consumo trouxe consigo a indiferença espiritual. As “sociedades de bem estar”, nas quais tantos imigrantes da Ásia, África, e América querem se instalar, se caracterizam por uma notável diminuição da prática religiosa cristã. De acordo com os dados apresentados por Philip Jenkins em *Godless Europe?* (Europa atea?), o número de franceses que se declaram cristãos, por exemplo, baixou de 80% em 1990 para 51% no ano de 2007. Quando perguntados se a religião ocupa um lugar importante em sua vida, apenas 21% dos europeus responderam afirmativamente. Dentre os países, os números são de 27% na Itália, 21% na Alemanha e França e 11% na República

EM 1928, MISSIONÁRIOS E TEÓLOGOS REUNIDOS EM JERUSALÉM FIZERAM SOAR UMA VOZ DE ALERTA, MOSTRANDO QUE PAÍSES EUROPEUS PRECISAVAM DE MISSIONÁRIOS, POIS ESTAVAM SE DESCRISTIANIZANDO

Checa. Um estudo de 2004 na Inglaterra revelou que somente 44% das pessoas admitiam crer em Deus, enquanto 35% negavam a crença e 21% respondiam “não sei”. Com respeito à Alemanha, o cardeal católico William Meister, da cidade de Colônia, afirma que na arquidiocese de Colônia há 2,8 milhões de católicos, mas nos últimos trinta anos eles perderam 300 mil. Para cada batismo há três funerais.

A realidade da Espanha é significativa. Desde 1939, quando os franquistas triunfaram na cruel

guerra civil (1936–1939), a Espanha estava dominada pelos vencedores, entre os quais estavam os bispos católicos. Estes decidiram que a Espanha era a “reserva espiritual da Europa” e instalaram um regime constantiniano ao extremo, que durou até 1978. Hoje, a situação pós-cristandade chama a atenção na Espanha em relação às atitudes das pessoas para com a Igreja Católica Romana. Um artigo do jornal Público, reproduzido no site Protestante Digital (29 de dezembro de 2009), oferece cifras e comentários eloquentes comparando dados entre 2007 e 2009. A proporção de espanhóis que se declaram católicos (praticantes ou não) baixou de 80,2% no final de 2007 para 78,3% no final de 2009. A proporção de católicos praticantes baixou de 30% para 26,2%. A queda se nota especialmente entre os jovens: os de 18 a 29 anos que se declaravam católicos praticantes em 2007 eram apenas 15,2%; mas, em 2009, a proporção caiu para 10,4%, uma perda de quase um terço dos efetivos.

É curioso comprovar que este retrocesso das crenças cristãs acompanha um avanço das superstições pagãs. Cada vez há mais espanhóis que creem na astrologia (quase cinco pontos a mais), na existência de bruxas e em outras pessoas com poderes maléficos (três pontos a mais), ou na possibilidade de adivinhar o futuro (um ponto e meio a mais). Parece que se cumpre estatisticamente a famosa frase de Chesterton que afirma que quando as pessoas deixam de crer em Deus são capazes de crer em qualquer coisa.

O outro lado da moeda é que a presença massiva de imigrantes em quase todos os países desenvolvidos criou uma nova situação religiosa. Lembremos que durante os séculos 19 e 20 a fé cristã deixou de ser “a religião do homem branco”, europeu ou estadunidense, e passou a ser uma igreja global cuja força estatística está hoje na África, certos países asiáticos e América Latina. O movimento migratório deu lugar à formação de “diásporas” cristãs, por exemplo, salvadorenhas e filipinas nos Estados Unidos, africanos no Reino Unido, bolivianos na Argentina, sul-americanos na Espanha. Na Europa, as diásporas vieram para revitalizar as igrejas — no caso dos imigrantes que se integram a elas — e para aumentar o número de igrejas — no caso dos que se reúnem em separado. Vejamos alguns exemplos com três breves histórias.

Começamos com a história de uma igreja africana, a Embaixada do Bendito Reino de Deus Para Todas as Nações, em Kiev, Ucrânia, fundada em 1994 pelo evangelista Sunday Adelaja. Ele chegou à Ucrânia vindo da Nigéria, sua terra natal, com uma bolsa de estudos para receber uma formação comunista. Com a queda do marxismo e a dissolução da União Soviética, Adelaja fundou esta igreja pentecostal com sete membros na nova República da Ucrânia. Hoje, a igreja tem 30 mil membros, em sua maioria brancos, cinquenta igrejas filhas em Kiev, mais de cem em toda a Ucrânia, e umas duzentas no resto do mundo. Segundo Jenkins, estima-se que seus programas de rádio e televisão alcancem cerca de 8 milhões de pessoas.

Em Londres está a Comunidade Cristã de Londres, fundada em 1980 por Edmundo Ravello, um missionário peruano. Com seus 3 mil membros, esta igreja de imigrantes hispano-falantes é uma das maiores igrejas evangélicas da cidade. Tem um rosto latino-americano definido e nela cada culto é uma festa. Para Miguel Palomino, em seu livro *Latino Immigration in Europe — challenge and opportunity for mission* (Imigração latina na Europa — desafio e oportunidade para missão), as igrejas organizadas segundo o sistema de células reproduzem modelos da família latino-americana e, por isso, constituem um lar espiritual para milhares de migrantes hispano-americanos que moram em Londres.

Por fim, temos um fato relativamente recente: o estabelecimento de uma “conexão chinesa” para a educação tecnológica em Castelldefels, próximo a Barcelona. Dentro da diáspora chinesa por todo o mundo há organizações que têm uma visão global informada e fazem um uso racional de seus recursos materiais e humanos. A diáspora chinesa na Espanha entrou em um convênio com o Instituto Bíblico y Seminario Teológico de España (IBSTE) — uma entidade evangélica espanhola muito conhecida — e usará o local e os recursos educativos da faculdade para formar missionários chineses para a Europa. A primeira formatura de nove obreiros cristãos foi assistida por 500 cristãos chineses vindos da Europa. Quem diria aos missionários que fundaram o IBSTE há várias décadas que essa escola entraria em um convênio para capacitar missionários chineses?

Estes três exemplos ilustram a variedade de formas que a presença da igreja global assume na Europa. Não os apresento aqui necessariamente como modelos a serem imitados, mas como casos ilustrativos da diversidade de atividades e estilos com que os migrantes provenientes de igrejas relativamente jovens respondem às realidades missionárias da Europa hoje. Seu dinamismo provém de um sentido de missão e obediência ao Senhor que somente pode ser impulsionado pelo Espírito Santo, que é quem sempre impulsionou a missão cristã.

Além da presença migrante que adquire um caráter missionário, temos hoje na Europa uma força missionária

enviada por países que antes foram campos de missão. É necessário reconhecer que o dinamismo missionário foi trasladado para o sul. As igrejas africanas e latino-americanas, por exemplo, são pobres e enfrentam desafios pela crise social e econômica de suas regiões. No entanto, estas igrejas estão enviando missionários a outras partes do mundo. Algumas igrejas asiáticas jovens, como as da Índia e da Coreia, irromperam no mundo missionário com força inusitada.

“Passa à Europa e ajuda-nos” é o pedido de um bom número de irmãos em Cristo — europeus que levam a sério o desafio missionário que a Europa representa neste ano de 2012. Este pedido é dirigido aos cristãos e igrejas da

África, América Latina e Ásia, onde, neste momento, o Senhor tem permitido que floresçam igrejas que crescem e onde surgem muitas vocações missionárias. Neste ano de 2012, a Europa chegou a ser um novo campo de missão.

É urgente o anúncio do evangelho. Muitos dos imigrantes que vêm da América Latina, Ásia e África trazem uma fé vigorosa e estão estabelecendo igrejas que respondem a suas profundas necessidades materiais e espirituais. É necessário cooperar com esse

trabalho missionário espontâneo, formar líderes, pastorear pessoas em crise, encaminhar novas gerações à fé, ajudar a ganhar outra vez credibilidade para a mensagem cristã. Para isso, além dos missionários espontâneos, é urgente que venham missionários que possam capacitar-se e dedicar-se por completo às tarefas docentes e pastorais, ao acompanhamento de novas igrejas e a formas criativas de evangelização e comunicação da mensagem do evangelho.

“Passa à Europa e ajuda-nos”: aqui são necessários missionários e missionárias capacitados, sensíveis, abertos a situações novas e difíceis, preparados para um serviço sacrificial e que sintam um chamado inequívoco de Deus. Faltam igrejas, grandes ou pequenas, que reconheçam e enviem estes mensageiros e mensageiras do evangelho, que os apoiem em oração, que os acompanhem de longe e que tornem possível seu envio e sustento. É um novo tempo de missão na Europa.

Notas

1. Uma excelente síntese deste processo é a de Michael Green, em *A Evangelização na Igreja Primitiva* (Desafio, 1997). O autor estuda a fundo a mensagem e o estilo de vida dos cristãos e os obstáculos e vantagens que foram providos pela *Pax Romana*.
2. Timothy Yates, em *La Expansión del Cristianismo* (San Pablo, 2007), faz um excelente resumo do assunto.
3. Uma boa síntese histórica deste processo está no capítulo 26 de *História del Cristianismo*, Justo González (Unilit, 1994).
4. Dedico-me com mais amplitude a este conceito no primeiro capítulo de meu livro *Cómo Comprender la Misión* (Editorial Certeza Unida, 2008).

Traduzido por Wagner Guimarães

Samuel Escobar trabalhou com estudantes universitários da América Latina e Canadá durante 26 anos. É professor na Faculdade de Teologia Protestante de Madrid e autor de *La Fe Viva que Impulsa a la Misión* (Tiago — a fé que impulsiona a missão).

O PARADOXO DA MISSÃO CRISTÃ NA EUROPA

Jim Memory



Jim Memory: a paisagem europeia não é mais dominada apenas pelos pináculos das igrejas e catedrais cristãs



O contexto religioso da Europa é um paradoxo. Grandes catedrais e igrejas históricas se espalham por todo o continente; ainda assim a porcentagem de europeus com ligação significativa com a Igreja nunca foi tão baixa. Na República Tcheca estão alguns dos monumentos mais magníficos do cristianismo, porém, como muitos estudiosos verificaram, ali vivem também as pessoas mais secularizadas de toda a Europa. Apenas 11% dos tchecos acreditam na existência de um Deus pessoal.¹

Essa observação levou muitos a concluir que a Europa é o novo “continente negro”, resistência do secularismo onde a proclamação do evangelho tem pouco impacto. Todavia, essa posição também é simplista demais. Nos anos de 1880, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche proclamou pela primeira vez sua famosa frase “Deus está morto” e, de lá para cá, gerações inteiras de filósofos e sociólogos aguardaram a morte do cristianismo na Europa, certos de que ela ocorreria. Contudo, 70% dos europeus (e 62% dos que têm entre 20 e 29 anos de idade) afirmam acreditar em Deus. Apenas 17% vão à igreja toda semana e, mesmo assim, 27% afirmam que oram todos os dias. Esse fenômeno da fé resistente acompanhada por desligamento institucional levou Grace Davie, socióloga da religião, a descrever a situação religiosa na Europa como “acreditar sem pertencer”.²

Fica claro, a partir desse resumo estatístico, que a Europa foge a uma definição simples. Cada país possui história religiosa e contexto cultural e social próprios, que tornam a contextualização do evangelho um desafio imenso. Além disso, a região passa por enormes mudanças sociais, resultantes da migração e de alterações demográficas.

Durante séculos, europeus migraram para o Novo Mundo. Nos últimos 50 anos, o fluxo migratório se reverteu e, em especial, na última década, dezenas de milhões de

migrantes da Ásia, África e América Latina transformaram o cenário social e religioso da Europa. Muitos migrantes são muçulmanos. O Pew Research Centre estima que cerca de 44 milhões de muçulmanos viviam na Europa em 2010 e prevê que, até 2030, esse número chegará a 58 milhões.³ Isso tem gerado tensões sociais em alguns países, onde muçulmanos tentam exercer seu direito de

usar burca ou *hijab* e construir minaretes nos locais de culto. A paisagem europeia não é mais dominada apenas pelos pináculos das igrejas e catedrais cristãs.

A Europa é um paradoxo e, embora as gerações anteriores de cristãos europeus tenham partido para outros lugares para compartilhar sua fé com muçulmanos, hindus e outros agora têm a oportunidade magnífica bem à sua porta. Em sua misericórdia, Deus os trouxe até nós. Ao mesmo tempo, trouxe muitos cristãos vibrantes de outros países, como o Brasil, para revitalizar as igrejas da Europa e nos ajudar a alcançar as multidões de europeus secularizados.

Parece-me que nossa fraqueza como cristãos europeus é, paradoxalmente, nossa maior força. Não podemos mais depender de nossas denominações e instituições. Estamos fracos demais para sobreviver sozinhos, de modo que Deus tem facilitado parcerias entre igrejas e agências missionárias por todo o continente e por todo o mundo.

Sim, estamos fracos. Sim, os secularistas nos insultam. Sim, estamos no meio de uma crise financeira. Alguns são perseguidos por pendurar uma cruz no pescoço. As igrejas enfrentam todo tipo de dificuldade. Ainda assim, “sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (1Co 12.10).

Se o apóstolo Paulo conseguiu enxergar esperança no paradoxo do contexto de sua missão, também podemos enxergar na Europa.

Notas

1. European Values Study, 2008.
2. *Religion in Britain Since 1945: believing without belonging*. Blackwell: Oxford, 1994.
3. Pew Research, *The Future of the Global Muslim Population*, 2011.

Traduzido por Cláudia Ziller Faria

Jim Memory e sua esposa, Christine, plantaram igrejas na província de Córdoba, no sul da Espanha, durante 14 anos. Hoje ele é vice-diretor regional de ministérios na Europa na European Christian Mission International (www.ecmi.org) e na Redcliffe College (www.redcliffe.org).



Van Gogh, 1888,
O semeador ao
poente do sol

A EUROPA CLAMA: PASSA OUTRA VEZ PARA CÁ E PREGA-ME DE NOVO O EVANGELHO

Hitler morreu há 67 anos e não há nem um monumento sequer em memória dele, o que é absolutamente compreensível. O reformador Lutero morreu há 466 anos e em várias cidades da Alemanha — como Berlim, Döbeln, Dresden, Eisenach, Eisleben, Erfurt, Görlitz, Magdeburgo, Prenzlau, Steinbach, Torgau, Wittenberg e Worms — sua memória é preservada por meio de belos monumentos. Todavia, é o caso de se perguntar, parodiando Henry Martin: Há monumentos de Lutero em abundância, mas quando a Alemanha crerá outra vez e com o mesmo vigor na *sola Scriptura* (só a Bíblia como regra de fé e prática), *sola gratia* (só a graça de Deus torna possível a salvação) e *sola fide* (só por meio da fé

em Cristo toma-se posse da salvação)? Quando o cristianismo europeu vai se erguer outra vez?

Os protestantes falam na *reevangelização* da Alemanha e da Europa. Os católicos, talvez antes dos protestantes, falam na *nova evangelização* do velho continente. A rigor, as palavras são sinônimas, mas não significam necessariamente encher de novo os bancos vazios das igrejas. Reevangelizar é mais que isso. É colocar as pessoas outra vez na órbita de Cristo.

Não é uma tarefa fácil, como explicou o pastor luterano finlandês Kalevi Lehtinen em uma reunião realizada na Europa no início de 1988. Ele afirmou que para muitos europeus o evangelho não é nem bom nem novo. Não é novo porque o cristianismo já foi experimentado. Não é bom porque o cristianismo é desnecessário. Há muita diferença entre um

RUMO A
EUROPA, MAS
COM MUITA
HUMILDADE



Se você quer ajudar europeus a ganhar de volta os europeus, não seja precipitado. Comece a orar sobre o assunto. Converse com o pastor de sua igreja. Entre em contato com a junta de missões de sua denominação ou outra, interdenominacional. Entregue o tempo necessário para obter preparo bíblico e missiológico. Peça a Deus santidade e paixão pelas almas, direção e bênção, sabedoria e

campo missionário pré-cristão e outro pós-cristão, embora ambos necessitem do evangelho. A diferença, explica o diretor da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo na Europa, é a mesma existente entre a mulher solteira e a divorciada. Apesar de ambas estarem solteiras, a primeira tem ideais, esperanças, sonhos e aspirações; a segunda tem frustrações, lembranças amargas, experiências desagradáveis e apatia. A Europa pós-cristã é como a mulher divorciada — divorciada de Jesus, conclui Lehtinen.

Naturalmente, a mulher solteira aspira ao casamento muito mais do que a mulher divorciada. Para o europeu, insiste o pastor, “o cristianismo não é uma nova oportunidade jamais tentada”. Antes, “o cristianismo não pertence ao amanhã, mas ao ontem. Ser cristão, para a maior parte dos europeus, significa retornar à Idade Média e dizer não à visão científica do mundo e às realidades do hoje”. Por isso, é preciso passar à Europa outra vez e pregar o evangelho a essa mulher divorciada. Afinal, quantas vezes Israel se divorciou de Deus e se prostituiu? Quantas vezes Deus teve misericórdia dos filhos de Abraão e se dispôs a receber outra vez a antiga esposa (Os 3.1-5)?

É preciso lembrar que os antigos campos missionários de ontem (toda a América, África e Ásia) têm uma grande dívida de gratidão com o continente europeu no sentido religioso. A Europa nos deu Pedro Valdo (1140–1217), Domingos (1170–1221), Francisco de Assis (1182–1226), Tomás de Aquino (1225–1274), John Wycliffe (1320–1384), John Huss (1373–1415), Jerônimo Savonarola (1452–1498), Martinho Lutero (1483–1545), Inácio de Loyola (1491–1556), João Calvino (1509–1564), Zinzendorf (1700–1760), John Wesley (1703–1791), William Wilberforce (1759–1833), Robert Kalley (1809–1822), William Booth (1829–1912), C. S. Lewis (1898–1963), John Stott (1921–2011) e muitos outros. Na Europa aconteceram as duas grandes divisões do cristianismo: o Grande Cisma de 1054, que separou de Roma as igrejas ortodoxas orientais, e a Reforma Protestante do século 16. Na Europa surgiram as mais importantes ordens religiosas do catolicismo, quase todas as denominações evangélicas (as igrejas valdense, luterana, presbiteriana, anglicana, batista, congregacional, metodista) e os primórdios do movimento pentecostal.

capacitação. Comece a estudar o idioma do qual você vai precisar. Fique por dentro da história e da cultura do país que será o seu campo missionário. Aprenda a deixar-se dirigir pelo Senhor da seara. Não se mostre soberbo nem se sinta inferiorizado na cultura alheia. Dê valor aos exercícios devocionais regulares. Lembre que a essência da missão é a encarnação e que esta exige um espírito humilde. Para ter mais espaço na Europa, não faça questão de se apresentar como missionário.

Não há nada demais se você gosta de viajar e tem espírito de aventura. Isto até mesmo ajuda e facilita o seu ministério. Porém faça diferença entre missões e turismo. A motivação



A Europa é o berço do movimento pietista (1674), da escola dominical (1780), das sociedades bíblicas (1808), do Exército de Salvação (1878) e da InterVarsity Fellowship (1877). Foi a Europa que produziu os mais famosos oratórios em torno da pessoa de Jesus, como *Paixão Segundo São Mateus*, de J. S. Bach (1729), e *O Messias*, de G. F. Handel (1741). Alguns dos hinos mais cantados saíram da Europa: *Castelo forte*, *Jesus alegria dos homens*, *Adeste fidelis*, *Saudai o nome de Jesus* e *Noite de paz*. As mais notáveis confissões de fé foram escritas na Europa: Confissão de Augsburg (1532), Confissão Escocesa (1560) e Confissão de Westminster (1640).

O mundo inteiro deve muito à Europa no que diz respeito a missões. Embora tardias e posteriores às das igrejas católicas, as igrejas reformadas organizaram várias agências missionárias e enviaram missionários para o mundo inteiro. Só da Universidade de Halle, na Alemanha, saíram sessenta missionários para o estrangeiro, e de Herrnhut, mais de 2 mil.

A Europa clama: “*Passa outra vez para cá e prega-nos de novo o evangelho*”. Em entrevista concedida ao site de *Veja*, o autor do *best-seller Uma Breve História do Mundo* afirma que o cristianismo já renasceu muitas vezes e vai renascer outras ainda. Se não reevangelizarmos o velho continente, seremos como os nove leprosos que não voltaram a Jesus para agradecer o milagre da cura (Lc 17.11-19)!



LEIA MAIS NA INTERNET
DE DEVOTOR A INOCENTE e EVANGELIZA-ME, POR FAVOR
>> ultimato.com.br/revista/316

para sair como missionário tem de se assentar no chamado claro de Deus. Você pode aliar a vocação com a propensão natural para viagens, mas nunca deve aliar a propensão para viagens com missões.

Outro risco que você deve enxergar e evitar é a associação de missões com fuga. É possível que você queira ir para o campo missionário porque as coisas não vão bem para você no momento e no lugar onde você está. Embora Deus possa usar situações de abatimento para falar-lhe outra vez e de modo diferente, apresentando-lhe outra direção e outro projeto, a vocação missionária nunca é fuga. Antes, às vezes pode ser um compromisso difícil!



Van Gogh,
1889,
A Noite
Estrelada

AS BOAS NOVAS NÃO SÃO NOVAS NEM BOAS

Um brasileiro de dupla nacionalidade que mora em Roma há dois anos diz que na Europa “as boas novas não são novas e, para muitos, não são boas!”. E uma brasileira que mora em Munique há treze anos é mais taxativa: “A grande maioria [dos europeus] tem a vida dirigida pelo humanismo, que é inculcado nas crianças ainda cedo. É como se eles dissessem: ‘Eu tenho tudo, para que preciso de Deus?’”.

Para entender e equilibrar essas questões de suma importância, **Ultimato** faz três perguntas a onze pessoas — quase todas brasileiras — residentes em diferentes lugares da Europa.

Os europeus olham com bons olhos a presença missionária estrangeira?

Samuel Igor Kutenski – O que temos visto são muitos alemães sedentos e famintos por viver algo novo e fresco de Deus. Embora sejam do país da Reforma Protestante, vários alemães não têm vergonha de vir e nos dizer abertamente:

“Obrigado por terem vindo, precisamos muito de vocês; por favor, ajudem-nos a alcançar o nosso povo de volta para Deus”. Alguns falam isso com lágrimas nos olhos, segurando nossa mão firmemente e depois nos abraçando, coisa que não é tão normal e cotidiano na cultura alemã.

Karin Lebsack Sacramento – Não posso dizer muito a respeito dos missionários, mas, na minha igreja na Alemanha, pessoas de outros países sempre são muito bem-vindas, bem vistas e enriquecedoras.

José Marcos e Márcia Regina Más – Em Portugal há uma grande rejeição e desconfiança quanto a missionários de fora devido às seitas que aqui atuam. Os portugueses têm dificuldade de entender por que um estrangeiro precisa vir aqui para lhes falar de Deus.

Lauro e Rosane Castelli – Somos tidos como pregadores de seitas na Bélgica e na França. A palavra *missionário* não é bem vista e tem conexão com proselitismo. Por eu (Lauro) ser reconhecido pelo governo belga como pastor protestante,

fica mais fácil, mas a resistência à nossa presença e função no país é bastante clara.

Dirceu Amorim de Mendonça – Depende do contexto. Entre os pastores espanhóis, sim. Entre os católicos, sim e não, pois alguns não compreendem o porquê de nossa presença, enquanto outros acreditam que o aumento da presença cristã na Europa é positivo. Entre os cidadãos espanhóis não católicos ou não comprometidos, não somos muito bem vistos.

Lucimar Helena da Silva – Pessoalmente não tive nenhum problema. Sinto-me aceita aqui na Europa. Com sete anos de trabalho, percebo que os jovens querem algo mais.

Helena Malek – Tenho a impressão de que muitos europeus não estão conscientes da presença de missionários estrangeiros na Europa. Porém sei que aqueles que foram alcançados por meio deles, como é o meu caso, estão profundamente agradecidos!

René e Sarah Breuel – A igreja evangélica italiana aprecia muito os missionários que vêm ministrar aqui, por causa da grande necessidade espiritual, e nos acolheu muito bem. Os não-cristãos, entretanto, acham difícil entender o porquê de missionários na Itália, já que no imaginário coletivo a ideia é de missionário (no caso católico) saindo daqui para servir em países pobres.

O brasileiro é bem aceito?

Fábio Diniz Pinto – Não muito, por causa de problemas com os ilegais.

Ireni Bacanu – Sim, para a glória de Deus! Somos bem vistos e bem-vindos!

Helena Malek – Os brasileiros são amados por seu caráter alegre e amoroso, por seu otimismo e pela paixão que transmitem.

Lauro e Rosane Castelli – Depende. Se ele respeita a cultura do país e se adapta aos costumes do povo sem se impor, é bem aceito e respeitado.

José Marcos e Márcia Regina Más – Inicialmente não, embora amem o Brasil e reconheçam muitos valores em nós. Em Portugal, a presença brasileira gerou muitos conflitos culturais e o comportamento da maioria deles criou preconceito. Nosso primeiro passo é conquistar a confiança dos europeus, e isso leva tempo e requer muita paciência.



Para Waldemar Sardaczuk, não só a Europa, mas o mundo inteiro é um campo missionário



Trezentos estudantes da Universidade Sapienza, em Roma, participaram do debate entre o brasileiro René Breuel (do Grupo Bíblico Universitário) e o secretário da União Italiana de Ateus e Agnósticos sobre a existência de Deus



Jovens e até crianças da Igreja Brasileira Alemã realizam, toda quarta-feira, evento evangelístico no centro de Munique (para cada apresentação é necessário preencher vários formulários e pagar uma taxa)

Karin Lebsack Sacramento – No caso da Alemanha, sim, se ele falar alemão.

Marlise Winter Dyck – O brasileiro é conhecido pela sua alegria e espontaneidade. Se ele quiser, encontrará abertura para falar do amor de Deus ao seu vizinho, ao seu colega de trabalho, ao seu amigo na escola.

René e Sarah Breuel – Na nossa experiência, o brasileiro é bem aceito como uma presença alegre e para conversas iniciais sobre comida, futebol, viagens. Porém sentimos resistência no momento de aprofundar relacionamentos e de sermos considerados como iguais. Muitas vezes sentimos um preconceito sutil. Eles querem mais tempo para confiar em estrangeiros.

Dirceu Amorim de Mendonça – Sim, principalmente depois do crescimento econômico brasileiro e da crise europeia.

A Europa é mesmo um continente pós-cristão?

Samuel Igor Kutenski – Muitas pessoas ilustram a situação atual da Europa com a figura de um campo que foi queimado. A queimada ajuda o campo a ser preparado mais rápido, outra vez, para o plantio. Deus quer alcançar a nova geração da Europa. Tenho certeza de que ele mostrará a sua fidelidade para com os filhos dos reformadores, pois a Bíblia diz que ele visita com bondade e misericórdia até a décima quarta geração daqueles que são retos e justos nos seus caminhos.

José Marcos e Márcia Regina Más – Minha experiência limita-se a Portugal. O cristianismo aqui está mesmo em pleno declínio. Há poucas semanas, a Igreja Católica divulgou que, nos últimos dez anos, 2 milhões de portugueses deixaram a igreja e apenas 17% da população é católica praticante.

Karin Lebsack Sacramento – Eu não diria isso. Minhas experiências me mostram que a doutrina é muito profunda, não é superficial como se vê no Brasil. São culturas diferentes. O europeu não é tão aberto como o brasileiro,

não serve para medir a fé. O que não se acha na Alemanha são igrejas do tipo da Igreja Universal do Reino de Deus. Eles jamais terão sucesso na Alemanha.

Helena Malek – Olhando de fora, a impressão é que aqui o fogo do Senhor se apagou, mas, quando você viaja por aí e procura enxergar melhor, encontra grupos ou pessoas com o coração ardente por Jesus, por todos os lados!

Waldemar Sardaczuk – O mundo inteiro é um campo missionário!

Marise Winter Dyck – A Europa, assim como a Alemanha, berço da Reforma Protestante, têm se afastado completamente de Deus. Poucos são aqueles que são fiéis ao evangelho. A grande maioria não acredita no Deus soberano e criador. Suas vidas são dirigidas pelo humanismo, que é inculcado nas crianças ainda cedo. É como se eles dissessem: “Eu tenho tudo. Por que preciso de Deus?”. É muito triste ver o estado espiritual da Alemanha e dos outros países da Europa. O índice de suicídios é enorme. As drogas e o álcool têm sido o meio de fugir do vazio e da solidão que sentem. É o povo mais carente que existe. Herda tudo e não tem nada! A Alemanha e a Europa precisam de uma nova Reforma. Precisam saber que Jesus morreu por cada um deles e ressuscitou a fim de que todos sejam salvos. Esse continente precisa declarar que Jesus Cristo é o Senhor!

René e Sarah Breuel – A Europa é, definitivamente, um continente pós-cristão. As boas novas não são novas e, para muitos, não são boas. A fé cristã é vista como algo do passado, arcaico na sua linguagem e mensagem, e com pouca relevância. Na Itália, os jovens julgam a igreja pelo seu poder, riqueza e por sua interferência na política italiana. Precisamos de muita criatividade para articular o evangelho de modo positivo para a Europa pós-cristã.

Dirceu Amorim de Mendonça – Sim, totalmente e em todos os sentidos. Para os europeus o cristianismo é uma religião antiquada, com laços sanguíneos do passado, um instrumento de manipulação sociopolítica por causa da ditadura franquista (no caso da Espanha). A Europa

A CULTURA ALEMÃ É BASEADA EM
VALORES CRISTÃOS E JUDAICOS
HÁ CENTENAS DE
ANOS, PARA NÃO DIZER
MILHARES
ANGELA MERKEL



Divulgação

No ano da descoberta do Brasil, 95% dos cristãos do mundo eram europeus e da Europa saíam missionários para todos os continentes. Quatro séculos depois (1910), a porcentagem de cristãos na Europa era de 94,5%. Em 2010, cem anos depois, ela diminuiu para 80,2% e perdeu a dianteira pela primeira vez desde o início do século 20, para a América Latina. Tem havido um decréscimo de cristãos na Europa em relação ao

e a Espanha precisam de evangelistas. O continente está aderindo ao ateísmo e ao mesmo tempo ao catolicismo cultural. Embora haja milhões nas ruas para celebrações religiosas (turismo religioso e cultural), não há mudança alguma de caráter. Dizer que a Europa está se “islamizando” é a maior “lenda urbana”. Esse reducionismo divulgado por nossas agências e promotores de missões pode prejudicar a real visão sobre a necessidade evangelística da Europa.

Dirceu Amorim de Mendonça, brasileiro de Campinas, casado com Tirza, missionário na Europa desde 2003, residente em Dom Benito, Espanha (iglesiaevangelicapresbiteriana.blogspot.com.es) | Fábio Diniz Pinto, brasileiro, solteiro, há dois anos na Europa, residente em Madri, Espanha | Helena Malek, alemã, solteira, psicóloga, residente em Aachen, Alemanha (helena.malek@gmx.de) | Ireni Bacanu, brasileira, casada com um romeno, mãe de duas filhas, há quatorze anos na Europa, residente em Mangalia, Romênia | José Marcos e Márcia Regina

Más, brasileiros do estado de São Paulo, uma filha, há dois anos na Europa, residentes em Carnavide, Portugal | Karin Lebsack Sacramento, alemã, casada com um brasileiro, cristã desde os 11 anos, ex-missionária voluntária da Latin Link na Bolívia, há dois anos residente em Viçosa, MG | Lauro e Rosane Castelli, brasileiros de São Lourenço, MG, casados, duas filhas, ex-missionários na



Helena Malek: grata por ter sido alcançada por Cristo por meio de brasileiros

Índia, há nove anos na Europa, residentes em Liege, Bélgica (www.castellis.info) | Lucimar Helena da Silva, brasileira nascida em Minas Gerais, convertida em Nova York, há sete anos na Europa, diretora espiritual da JOCUM, residente em Herrnhut, Alemanha | Marlise e George Friesen Dyck, brasileiros do Paraná, dois filhos, há treze anos na Europa, residentes na Alemanha — ele é copastor da CBG, Igreja Cristã Bíblica Brasileira de Munique (cbgchurch.com) | René e Sarah Breuel — ele tem cidadania brasileira e alemã e ela, cidadania americana e brasileira —, casados, dois filhos, há dois anos na Europa, residentes em Roma, Itália | Samuel Igor Kutenski, brasileiro de Curitiba, PR, casado, dois filhos, pastor da Associação de Igrejas do Cristianismo Decidido, há um ano na Europa, residente em Essen, Alemanha | Waldemar Sardaczuk, ucraniano, casado, duas filhas, radicado na Europa desde os 10 anos de idade, presidente emérito da Missão AVC — Nehemia, residente em Nidda, Alemanha.



Samuel Igor e Mariana: Deus quer alcançar a nova geração da Europa

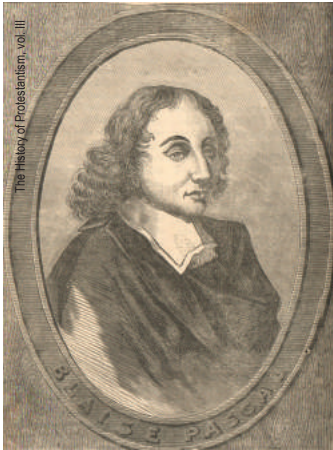
acréscimo havido em outros continentes. Em 1910, dos dez países mais cristãos, oito estavam na Europa; são eles: Rússia, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Ucrânia, Polônia e Espanha. Em 2010, apenas dois países europeus permaneciam na lista dos dez: a Rússia, em terceiro lugar, e a Alemanha, em décimo.

Todos os 265 papas (exceto Pedro, que na perspectiva protestante nunca foi papa, e outros onze) eram europeus. Todas as reformas e tentativas de reformas foram realizadas na Europa, inclusive as levadas a efeito pelo Vaticano II (1962–1965).

Parece que Angela Merkel, 58 anos, filha de pastor luterano, tem o apoio de seu conterrâneo e contemporâneo

Joseph Ratzinger, 85, eleito papa Bento XVI em 2005 — mesmo ano em que ela foi designada chanceler da Alemanha —, quando afirma: “A Europa é o continente onde primeiro emergiu o cristianismo como religião dominante. O cristianismo exerceu uma influência incomparável na história e identidade europeia. A Europa sem o cristianismo não é mais Europa europeia”.

A única coisa a acrescentar é que a população europeia é mais cristã de nome do que de fato, o que acontece também no Brasil e em outros lugares. Como a conversão precede o batismo cristão, José Flores, líder católico carismático mexicano, está absolutamente certo quando diz que a tarefa de hoje é evangelizar os batizados.



Nietzsche dizia que a razão de Blaise Pascal (acima), nascido 221 anos antes dele, estava corrompida pelo cristianismo, e não pelo pecado original

FRIEDRICH NIETZSCHE —

“O CRISTIANISMO PROMETE TUDO, MAS NÃO FAZ NADA!”

Nascido na antiga Prússia na metade do século 19 e filho de uma linhagem de pastores protestantes tanto por parte de pai quanto de mãe, Friedrich Nietzsche foi um implacável crítico do cristianismo e da religiosidade de seu tempo. É pena que, com a água suja do “cristianismo sem sal” que ele jogou fora, estava também a água limpa do “cristianismo com sal”. A professora Scarlett Marton, da Universidade de São Paulo, que fundou o Grupo de Estudos Nietzsche, acerta quando diz que o filósofo foi “um campo de batalha”. Ao morrer, no dia 25 de agosto de 1900, no início do século 20, pouco antes de completar 56 anos, o filósofo deixou para a humanidade, especialmente para a Europa, um legado anticristão que exerceu uma forte influência, alimentou a soberba humana e tentou diminuir a glória de Deus. Para verificar isso, basta ler os seguintes pronunciamentos de Nietzsche retirados de seu livro *O Anticristo*, escrito em 1888 e publicado seis anos depois (1894) e seis anos antes de sua morte:

1. Não se deve embelezar nem desculpar o cristianismo: ele travou uma guerra de morte contra este tipo de homem superior, renegou todos os instintos fundamentais deste tipo e desses instintos destilou o mal, o negativo — o homem forte como tipo censurável, como proscrito.
2. O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, incapaz, e transformou em um ideal a oposição aos instintos de conservação da vida saudável.
3. O cristianismo é conhecido como a religião da piedade. A piedade, porém, é deprimente, pois enfraquece as paixões revigorantes que aumentam a sensação de viver. O homem perde o poder quando é contagiado pelo sentimento de piedade e esta dissemina todo sofrimento.

4. Nada há de mais doentio, no meio de nossa insalubre modernidade, que a piedade cristã. É aí que é necessário sermos médicos, manejarmos o escalpelo [bisturi usado em dissecações]. Eis o que nos cabe, eis a nossa caridade, eis o que nos torna filósofos, a nós, os hiperbóreos.
5. A própria palavra *cristianismo* é já um equívoco — no fundo só existiu um cristão, e esse morreu na cruz. O “Evangelho” morreu na cruz. Aquilo que desde então se chamou “Evangelho” era o contrário do que Cristo havia vivido: uma “má nova”, um *Dysangelium* [o contrário de boa notícia].
6. O cristianismo promete tudo, não cumpre nada.
7. O cristianismo é uma insurreição de tudo o que rasteja contra tudo quanto está elevado: o evangelho dos “pequenos” tornou-se cada vez menor...

Depois de mais de um século da morte do conturbado e infeliz Nietzsche (três vezes tentou contra a própria vida), depois de todas as guerras, todas as convulsões sociais (da extrema direita e da extrema esquerda) e todas as desgraças do século 20 (considerado “o mais violento da história humana” pelo escritor britânico William Golding) — o cristianismo não morreu. Antes, tem crescido na América, África, Ásia (principalmente no país mais populoso do mundo) e sudeste da Europa. A preocupação atual é a reevangelização da Europa, o continente mais afetado pelo pensamento daquele que se diz o porta-voz do anticristo. Para os cristãos, isso não é novidade, pois o próprio Jesus declarou enfaticamente: “Essa é a pedra sobre a qual vou edificar minha igreja, uma igreja tão exuberante e tão cheia de energia que nem as portas do inferno serão capazes de obstruir seu avanço” (Mt 16.18).

GEOFFREY BLAINEY —

“O CRISTIANISMO LEVA MUITO TEMPO PARA FAZER, MAS FAZ”

Nascido na Austrália em 1930, o historiador Geoffrey Norman Blainey é conhecido pelos seus livros (32 ao todo) e como professor da Universidade de Melbourne e Harvard. Uma de suas obras é *best-seller* na Inglaterra e nos Estados Unidos, e foi o quarto título de não-ficção mais comprado no Brasil em 2009. Trata-se de *Uma Breve História do Cristianismo* (328 páginas). Em recente entrevista ao site da revista *Veja*, o historiador deixa qualquer um entusiasmado com o cristianismo. Basta ler os parágrafos transcritos abaixo.

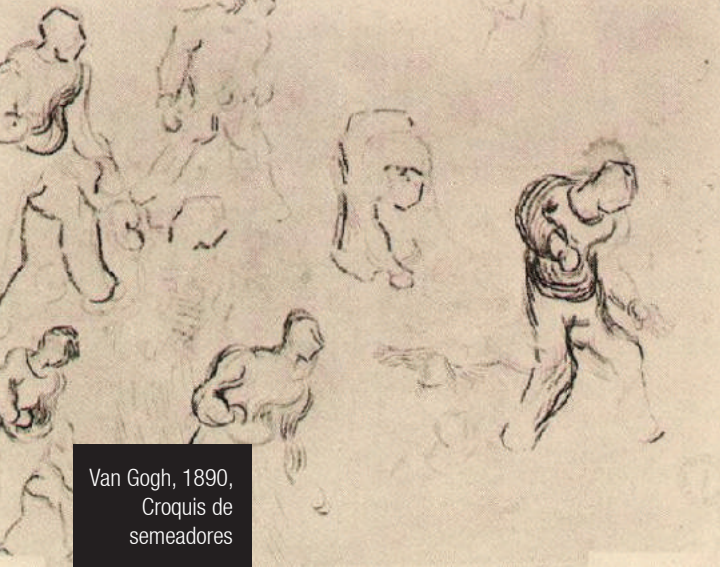
1. As igrejas cristãs são, de fato, as instituições mais caridosas da história universal.
2. A crença no retorno de Jesus à terra, onde ele já estaria presente em espírito, e na vida após a morte foi outro fator que tornou o cristianismo tão atraente.
3. O cristianismo — em especial o protestantismo do século 16 — ainda tem traços bastante presentes [na cultura ocidental]. A religião teve grande influência sobre a lenta ascensão da democracia. A declaração feita pelo apóstolo Paulo de que todas as almas têm o mesmo valor para Deus contribuiu para a configuração da democracia moderna, assim como a decisão de uma parcela do protestantismo que, desobedecendo ao papa e ao bispo, conferiu poder à congregação reunida aos domingos.
4. A religião também teve peso decisivo na educação das massas — meninos e meninas precisavam aprender a ler para ler a Bíblia.
5. [O cristianismo] contribuiu para a ideia do amor ao próximo e da ênfase na justiça. Você pode argumentar que a cultura ocidental não é muito justa. Mas, dentro de uma perspectiva histórica, ela é sim. Por exemplo,

nós hoje não toleramos a escravidão. Cristãos, principalmente os evangélicos, fizeram mais que qualquer outro grupo — as exceções são várias — pela abolição do mercado escravo. Eles levaram um longo tempo para fazer, mas fizeram.

6. [Na cultura ocidental], os rituais e costumes cristãos estão em declínio. O catolicismo perde espaço no Brasil da mesma forma que o protestantismo perde terreno nas Ilhas Britânicas. Mas é preciso ter em mente que esse declínio geral do cristianismo não é necessariamente permanente. Na civilização ocidental, o cristianismo vive de ciclos de declínio e revitalização. O cristianismo já nasceu muitas vezes. Alguns de seus “parteiros” — São Benedito, Santo Inácio de Loyola, Martinho Lutero — são mundialmente famosos. Outros nomes vão certamente se somar a essa lista nos próximos séculos.
7. O cristianismo se tornou a religião oficial de diversos estados, absorveu elementos de novas culturas e situações, se reinventou diversas vezes.



Divulgação



Van Gogh, 1890,
Croquis de
semeadores

OS SEMEADORES DO TRIGO E OS SEMEADORES DO JOIO – UM ATRÁS DO OUTRO

A palavra de Jesus tem de ser levada a sério. Ele é o Senhor da seara e o Senhor da Igreja. Ele conhece o passado, o presente e o futuro. Conhece a serpente de Gênesis e o dragão de Apocalipse.

A certa altura de seu ministério terreno, Jesus entrou em um barco à margem do lago da Galileia, sentou-se e contou a parábola do joio. Nessa parábola, ele denuncia o inimigo sem nome que se aproveita do sono daqueles que de dia semearam o trigo. O inimigo semeia no mesmo campo outra semente, a semente do joio, cuja planta não produz nada prestável, senão lenha para o fogo. Por meio desta pequena e simples parábola, Jesus explica como será a história do anúncio do evangelho. Enquanto o tempo da parúsia não chegar, haverá sempre duas semeaduras praticamente simultâneas: a semeadura da boa semente (o trigo) e a semeadura da dúvida, dos equívocos e da confusão (o joio). Jesus queria que todos soubessem disso e interpretassem a história do cristianismo por esse prisma.

Excelentes semeadores do trigo, a começar por Paulo, espalharam a boa semente em todo o continente europeu — da Península Ibérica ao mar Cáspio e dos países mediterrâneos aos nórdicos. E se a Europa hoje está cheia de templos cristãos que já não são usados para louvor e adoração, mas para atrair turistas, isso se dá, em última instância, porque excelentes semeadores do joio seguiram o rastro e o itinerário dos semeadores do trigo e depositaram no campo a má semente.

Os semeadores do trigo são aqueles que pregam o evangelho puro e simples. Aqueles que espalham as boas notícias em torno do nome de Jesus. Aqueles que não escondem nem omitem a eternidade de Jesus (“o Verbo estava no princípio com Deus” e “sem ele nada do que foi feito se fez”), o nascimento virginal de Jesus (“O Verbo se fez carne”), a morte vicária de Jesus (“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”), a ressurreição de Jesus (“Não era possível que ele fosse retido pela morte”), o triunfo de Jesus (“Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome para que diante dele se dobre todo joelho e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor”) e a volta de Jesus (“Todos verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória”) (Jo 1.1, 29; At 2.24; Fp 2.9-11; Mt 24.30).

Os semeadores do joio são aqueles que negam que Jesus é o Cristo divino (1Jo 2.22). Aqueles que diminuem a glória e o poder do Criador e aumentam a glória e o poder da criatura. Aqueles que tiram Deus do centro e do altar para se colocarem ali. Aqueles que humanizam a pessoa divina e divinizam a pessoa humana. Aqueles que despem o ser humano do seu conteúdo metafísico espiritual e contemplativo e o deixam em um vazio insuportável. Aqueles que cavam cisternas rachadas e enchem de terra os rios de água viva. Aqueles que constroem uma antropologia secular, uma hamartiologia secular, uma cristologia secular, uma soteriologia secular e uma escatologia secular. Aqueles que pregam uma liberdade sem sabedoria, sem virtude e sem Deus. Aqueles que apresentam um Deus sem ira, um homem sem pecado, um reino sem julgamento e um Cristo sem cruz, como denunciou o teólogo H. Richard Niebuhr (1894–1962).

Graças a esses semeadores do joio, o ideal de cristandade que havia predominado na Europa por quase um milênio e meio tem arrefecido. No auge da Revolução Francesa (1789–1799), a Catedral de Notre Dame recebeu um novo nome: Templo da Razão. Pouco tempo depois, em menos de trinta anos, duas biografias de Jesus questionaram o Jesus da Bíblia: em 1835 foi a vez de *Leben Jesu*, do alemão David Strauss (1808–1874) e em 1863, de *La vie de Jésus*, do francês Ernest Renan (1823–1892).

A nota alvissareira é que, no auge dessa confusão, o pouco conhecido semeador do trigo Edward Perronet (morto em 1792) publicou, em abril de 1780, na revista *Gospel Magazine*, o hino talvez mais solene sobre a glória devida a Jesus:

Saudai o nome de Jesus! / Arcanjos, adorai!
Ao rei que se humilhou na cruz / Com glória coroai!

Ó, escolhida geração / De Deus, o eterno Pai,
Ao grande autor da salvação / Com glória coroai!

Remidos todos, com fervor, / Louvores entoai!
Ao que da morte é vencedor / Com glória coroai!

Ó, raças, povos e nações / Ao rei divino honrai!
A quem quebrou os vis grilhões / Com glória coroai!



Participantes do comício do Partido Nazista chegam à estação de Nuremberg em 1933

QUANDO A ARROGÂNCIA É MAIOR QUE O BOM SENSO

Antes da Guerra Balcânica (1912–1913), da Primeira Guerra Mundial (1914–1918), da Guerra Civil Espanhola (1936–1939) e da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), a Europa estava muito eufórica, e a euforia é um risco enorme. A Grã-Bretanha tinha grandes possessões nos quatro continentes e era o maior império da história — a “rainha dos mares” e a “oficina do mundo”. Outros países, como a França e a Alemanha, eram também nações poderosas.

Na passagem do século 19 para o 20, os americanos construíram a metralhadora Maxim (1892), Freud lançou o seu revolucionário *A Interpretação dos Sonhos* (1899) e o dirigível Zeppelin fez o seu voo inaugural (1900).

Nos primeiros trinta anos do novo século, o ser humano gabou-se de muitos sucessos: a radiotransmissão (1901), o primeiro voo motorizado (1903), a teoria da relatividade (1905), a descoberta de vastos campos petrolíferos no Irã (1908), o automóvel que andava a 40 quilômetros por hora (1908), o acesso ao Polo Norte (1909) e ao Polo Sul (1911), a descoberta de Machu Picchu (1911), o lançamento do maior navio do mundo (1912), a abertura do Canal do Panamá (1913), a primeira travessia aérea do Atlântico (1919), a conquista da cidade sagrada de Meca por aquele que seria o primeiro rei da Arábia Saudita (1924), a descoberta de outras galáxias (1925), a primeira demonstração pública da televisão e o primeiro foguete a



O SÉQUITO DO HOMEM SECULARIZADO: SOLIDÃO, VAZIO, TEMOR, CULPA, FALTA DE PAZ, DE AMOR, DE FELICIDADE E DE SENTIDO NA VIDA

O secularismo não é um problema recente nem exclusivamente europeu. Na época de Paulo já circulava o ditado: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos” (1Co 15,32). Em outras palavras, se Cristo não ressuscitou e não há nenhum alicerce confiável, deixemos de lado o espiritualismo e ingressemos no secularismo (não dediquemos tempo para Deus) e no materialismo (não dediquemos espaço para Deus).

Porém, não há como negar que no mundo pós-guerra e, principalmente, na Europa, o secularismo tomou asas e voou mais alto. Esse problema de ordem religiosa foi cuidadosamente estudado no Primeiro Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado exatamente na Europa,

combustível líquido (1926), o primeiro filme sonoro (1927), o primeiro voo solo de uma mulher (1930) e a inauguração do prédio mais alto do mundo (1931).

Tudo isso colocou na cabeça dos europeus a ideia de que o mundo havia alcançado a maioridade e não precisava mais de Deus, assim como o filho adulto não precisa mais do pai. Por influência de Friedrich Nietzsche, começou-se a falar no “super-homem” ou no “homem além do homem”. O filósofo alemão, que morreu com a mesma idade de Hitler (56 anos) e quase meio século antes (1900), teve a ousadia de escrever: “Munido de uma tocha cuja luz não treme, levo uma claridade intensa aos subterrâneos do ideal” (Veja *Friedrich Nietzsche: o cristianismo promete tudo, mas não faz nada!*, pág. 38).

A soberba é um perigo terrível. Ela é sempre e invariavelmente destruída. O mestre em administração de negócios pela Vanderbilt University, nos Estados Unidos, e presidente da Coteminas, Josué Gomes da Silva, ao escrever sobre o centenário do naufrágio do Titanic, lembra que “a arrogância nunca deve subjugar o bom senso” e aconselha: “A humildade é sempre boa conselheira, mesmo quando a autossegurança resulta de grande experiência ou baseia-se no uso de avançada tecnologia” (*Folha de São Paulo*, 15/05/2012).

O afundamento do Titanic aconteceu dois anos antes da Primeira Guerra Mundial e 24 anos antes da Segunda. Quando o navio ficou pronto, uma multidão de cem mil pessoas comemorou o evento. Era um momento de grande expectativa para a humanidade. Diziam que ele era

A SOBERBA É UM PERIGO TERRÍVEL. ELA É SEMPRE E INVARIAVELMENTE DESTRUÍDA

“inafundável”. Porém, na madrugada de 15 de abril de 1912, em sua primeira viagem, um iceberg nem sequer perfurou o navio, apenas raspou o seu casco, deslocando placas de metal, e, no intervalo entre elas, abriu-se caminho para a água. Em poucos minutos, o “inafundável” começou a afundar e partiu-se ao meio. As duas partes (a popa e a proa) do “maior transatlântico” do mundo pousaram no fundo do mar a 600 metros de distância uma da outra, a uma profundidade de 3.965 metros. Porque o bom senso foi menor do que a arrogância, não havia escaleress suficientes no navio nem o comandante deu atenção aos sete alertas sobre *icebergs*.

Não é temerário relacionar o naufrágio do “inafundável” com o naufrágio do propagado Reich dos Mil Anos, que durou apenas doze — de 30 de janeiro de 1933 (quando Hitler foi nomeado chanceler da Alemanha) a 30 de abril de 1945 (quando ele cometeu suicídio). “O homem que sonhara construir o Reich dos Mil Anos” — explica J. M. Roberts — “só conseguiu provocar a destruição física de sua pátria”. Estima-se em quase 3 milhões a quantidade de alemães mortos na guerra e em mais de 5 milhões os feridos por causa da arrogância da Alemanha nazista. Uma arrogância não só desse país, mas de toda a Europa. A propagada raça superior, a tal “Alemanha eterna” e o anunciado milênio de glória e estabilidade — o vento levou. O altar onde Hitler se assentava por conta própria e por conta dos seus adoradores desapareceu para sempre (assim se espera). As igrejas foram seriamente atingidas, mas não destruídas. Antes de elas serem destruídas, Hitler o foi.

menos de trinta anos depois do final da Segunda Grande Guerra, de 16 a 25 de julho de 1974. Por ter se reunido em Lausanne, na Suíça Francesa, não muito longe de Genebra, o congresso é mais conhecido como Lausanne I. Desse encontro que reuniu 2.700 líderes evangélicos de 150 países, saíram alguns documentos. Um deles chama-se *O Evangelho e o Homem Secularizado*, lançado no Brasil pela ABU Editora. É desse livro que transcrevemos algumas ideias a respeito do tema.

“A cultura moderna substituiu Deus como base do comportamento, das decisões e dos valores morais. Deus e seu povo passam a ser irrelevantes para a vida moderna” (p. 103).

O secularista clássico quer comer, beber e alegrar-se. Para ele “a vida há de ser gozada aqui e agora, pois isso é tudo que há, tudo o que existe. Talvez ele vá um pouco além e dispense Deus e a religião, procurando zelosamente provar a irrelevância de Deus na vida humana e moral” (p. 106).

“As pessoas secularizadas podem parecer ‘religiosas’ em muitas coisas que fazem, mas elas têm seus próprios deuses,

como o dinheiro, o sexo, o materialismo, o sucesso, o poder, o ser aceito socialmente ou sua própria filosofia. Considerando que tais deuses são de fabricação humana e não passam de símbolos externos, sua fidelidade ou dependência a eles pode mudar, ao passo que, o tempo todo, permanece a sua fidelidade fundamental a si próprio. Mudando seus símbolos ou revisando seus objetivos, ele tenta evitar a confrontação com a impotência de seus deuses e com sua própria falência pessoal sem Deus” (p. 107).

Secularismo é “um sistema que rejeita todas as formas de fé ou culto religioso e só aceita os fatos e influências derivados da vida presente”. Secularização, por outro lado, “é essencialmente um processo que ocorreu e se acha hoje largamente difundido no mundo ocidental” (p. 108).

“As necessidades que o homem secularizado sente (solidão, vazio, temor, culpa, falta de sentido na vida e busca de paz, amor e felicidade) só serão satisfeitas quando ele tiver seu encontro com Jesus Cristo e comprometer-se pessoalmente com ele” (p. 125).

O Mineiro com Cara de Matuto outra vez na Alemanha

O mesmo brasileiro que convidou o Mineiro com Cara de Matuto para visitar a Alemanha em 2003 tornou a convidá-lo nove anos depois, em abril de 2012. O objetivo da viagem também foi o mesmo: preparar uma reportagem para despertar a simpatia das igrejas evangélicas brasileiras para com a Europa no que diz respeito à reevangelização do continente. Acrescentou-se outro objetivo: usar a experiência do declínio religioso europeu para chamar a atenção das mesmas igrejas brasileiras para o perigo já existente de nossa própria secularização, especialmente agora

quando o Brasil já não é mais uma nação em desenvolvimento nem, muito menos, de terceiro mundo. Fazemos parte de um grupo seleto de países e uma das dez maiores fortunas do mundo é brasileira e já temos 40% de obesos no país... A secularização é uma tentação maior para os ricos do que para os pobres, maior para os que podem comprar tudo do que para os que não podem comprar nada.

Na viagem entre Brasil e Alemanha, o Mineiro foi acompanhado pelo pastor presbiteriano Jony Wagner de Almeida. Já na Alemanha, outros dois se juntaram à caravana: Sérgio Veiga, o anfitrião (veja *O homem multidenominacional*, pág. 77), e Alan

Tower, presidente da missão cristã Latin Link, com sede em Londres (veja pág. 43). Além de acompanhar o Mineiro, os três o ajudaram muito.

Parece que ainda gostamos de evangelizar. Antes de tomar o avião para Stuttgart na primeira viagem à Europa, o Mineiro entrou num sanitário do Aeroporto Galeão e deu de cara com um recado escrito na parede: “Se você sofre nesta vida, quero te dizer que a única solução é entregar vosso coração a Jesus e pedir só a ele ajuda”. E agora, antes de entrar no avião rumo à Alemanha novamente, ele vai ao toalete, no mesmo aeroporto, e encontra a seguinte mensagem em inglês: “Turn to the Lord! He can still be found.

Aachen

Brasileiros, hispano-americanos e alemães cultuam juntos

Aachen é uma cidade histórica. Por alguns anos foi capital do Sacro Império Romano. A pessoa mais ligada à cidade é Carlos Magno (742–814), coroado “rei dos romanos” na Basílica de São Pedro, em Roma, aos 58 anos, pelas mãos do papa Pio II. Na ocasião, aconteceu algo curioso: o papa colocou a coroa na cabeça de Carlos Magno e em seguida ajoelhou-se reverentemente diante dele. A cerimônia se deu no Natal de 800 e

marcou a base de um relacionamento entre a Igreja e o Estado. O Mineiro visitou a Catedral de Aachen, a estátua de Nossa Querida Senhora de Aachen e o trono de Carlos Magno.

No centro histórico da cidade fica o templo de Freie Christengemeinde, onde se reúne aos domingos uma igreja alemã (pela manhã) e a Comunidade Cristã Livre para Latinos (à tarde). Como algumas famílias alemãs gostam de participar também do culto da tarde, há sempre alguém



Calçada com nome de judeu deportado

traduzindo para o alemão as orações e a pregação. O Mineiro pregou em um domingo e o pastor Jony Wagner de Almeida, em outro. A intérprete foi uma jovem psicóloga alemã de 26 anos, que fala seis idiomas, inclusive o português. De mãe tradicionalmente luterana e de pai indiferente, Helena Malek contou como veio a se converter: “A primeira pessoa a falar de Jesus para mim foi a filha do pastor Sérgio Veiga, quando estudávamos juntas. Em uma primeira viagem ao Brasil, me deparei com um grupo de cristãos em Vitória, ES, que estava louvando o Senhor. Mesmo sem entender coisa alguma, me senti estranhamente amada por

aguardando a direção de Deus para fazer isso”.

Apesar de a igreja pastoreada por Sérgio Veiga chamar-se latina, conta com a presença de alemães, holandeses, belgas, poloneses, portugueses, iranianos e africanos. O pastor da igreja alemã é o ancião (presbítero) Volker Müller, funcionário público de 52 anos. O iraniano Jousef Mahmoudi ajuda ambos os pastores.

No dia 14 de abril, um sábado, houve o batismo de quase dez novos irmãos. Entre eles estavam o casal polonês Waldeck e Anetta Mayewski (que oficializaram o seu casamento depois da conversão) e Judith Imo,

um campo de concentração.

Margarida, a capixaba casada com Veiga, deu para o Mineiro ler o indignado desabafo escrito por Marlise Dyck, uma paranaense residente há vários anos em Munique, a propósito da música *Ai se eu te pego*, de Michel Teló. Esta, além de ser um *top hit* no Brasil, alcançou a Europa e outros países e é uma das mais ouvidas na Alemanha. Segundo Marlise, a tradução da expressão “te pego” em alemão é ainda pior do que em português, e ver a maioria das mulheres cantando a plenos pulmões e fazendo os gestos correspondentes mostrados no videoclipe de Michel Teló também não é bom. Ela conclui:

“Que o Brasil venha a ser conhecido por sua economia, que já supera a da Inglaterra no *ranking* mundial, por sua beleza e recursos naturais e por seu povo simpático e alegre”.

Em uma das idas e voltas a Aachen, o Mineiro conheceu a Base Americana em Bad Nauheim, onde o cantor Elvis Presley, que morreu aos 42 anos, serviu o exército americano por dois anos

(1958–1959). Os muitos prédios (dormitórios, auditórios, escritórios, alojamentos, capela etc.) dessa base há vários anos desativada deverão ser doados a organizações humanitárias e religiosas, inclusive agências missionárias.

Nas rodovias alemãs não há limite de velocidade. Veiga andava a 185 quilômetros por hora — às vezes, chegava a 220. Ainda assim, era ultrapassado por outros carros.



O Mineiro ficou com a camisa molhada porque abraçou Judith Imo (filha de pai nigeriano e mãe alemã) logo após o batismo



Jony Wagner de Almeida prega em português para brasileiros e latinos e Helena Malek traduz para alemães

Deus. Naquela noite entreguei minha vida a Jesus e meu nome foi escrito no Livro da Vida. Um ano depois, voltei ao Brasil, onde passei seis meses e, então, já madura no evangelho, me batizei”. Helena trabalha em um hospital em Aachen na área de desenvolvimento psicológico da criança. Ela explica: “E agora sei da importância e da responsabilidade de compartilhar as boas novas com os ainda não alcançados e estou

uma menina de 11 anos, filha de mãe alemã e pai nigeriano. Veiga levou o Mineiro para conhecer uma barreira construída para impedir a passagem de tanques aliados que avançavam para o norte e o interior do país, a qual não impediu de fato que Aachen fosse a primeira cidade a ser ocupada no final da guerra. Na calçada de uma rua próxima ao centro histórico, uma placa indicava que ali havia morado uma família de judeus deportada para

Nidda

A Europa precisa de Jesus!



Rainer Becker: Os jogadores de futebol brasileiros têm dado um testemunho destemido do evangelho em público



Em 1992 a AVC enviou um navio carregado de milho para Moçambique

Nidda é uma das muitas cidades pequenas da Alemanha. Situa-se à margem do rio de mesmo nome e a 40 quilômetros de Frankfurt. A cidade possui uma grande mistura de etnias: turcos, russos e paquistaneses. Há inclusive uma mesquita inaugurada em 2011.

O Mineiro ficou hospedado em uma propriedade destinada a receber grupos de até 25 pessoas para pequenos retiros e encontros de missionários. Foi ali que entrevistou o pastor pentecostal Waldemar Sardaczuk, nascido na Ucrânia e radicado desde os 10 anos de idade na Alemanha, e Alan Tower. O encontro de pastores, missionários e líderes brasileiros na Europa em outubro de 2011 foi realizado naquele lugar. Depois do farto café da manhã (costume alemão), o Mineiro foi conhecer a AVC, abreviatura de Aktion für Verfolgte Christen und Notleidende (Ação em favor dos cristãos perseguidos), fundada há quarenta anos. A organização Nehemia faz parte da AVC e surgiu em 1990 “motivada pelo amor e pela comissão bíblica de socorrer os necessitados”. Ela atende pessoas de qualquer nacionalidade, etnia, gênero, filiação religiosa e convicção

política. Opera em quinze países da Ásia, treze da Europa, sete da África e cinco da América Latina. Presta socorro a países que experimentam alguma catástrofe, como tornados, terremotos, inundações, tsunamis, fome, guerras civis, minorias perseguidas etc. Nos últimos dez anos, a Nehemia esteve presente em dezessete países diferentes assolados por alguma tragédia. O Mineiro visitou um enorme armazém onde se guarda materiais para casos de emergência, como aparelhos cirúrgicos, macas, cadeiras de rodas, roupas etc. Como há milhões de órfãos por causa da aids, da pobreza, da criminalidade, da guerra e da desestruturação familiar, a organização tem um ministério especial com as crianças, oferecendo-lhes casas-lares, orfanatos e escolas. A AVC providencia Bíblias, Novos Testamentos e tratados evangélicos em várias línguas e para vários países. Só para a China, foram 100 mil Bíblias. Eles também enviaram missionários para vários países, tanto para socorrer os necessitados como para pregar o evangelho. Antes da queda do muro de Berlim (9 de novembro de 1989), muitas Bíblias entraram na antiga União Soviética

clandestinamente. Pouco depois, 100 mil Bíblias em chinês foram impressas nas gráficas do Pravda, órgão oficial do partido comunista russo. Quando o Mineiro se lembrou dessa grande vitória do cristianismo, Waldemar quase deu pulos de alegria, pois ele foi um dos que se esforçaram para suprir com Bíblias as igrejas domésticas da China.

Durante a visita à AVC, a brasileira Cristina Göttel, que trabalha com o marido, Frank, no escritório da missão, deu ao Mineiro um exemplar da revista Idea Sepktrum (de abril de 2012), cuja matéria de capa afirma que os muçulmanos iriam distribuir graciosamente na Alemanha 25 milhões de exemplares do Corão. O Mineiro também leu o que a chanceler Angela Merkel declarou por ocasião do congresso da União Democrata Cristã, partido ao qual está filiada, a propósito da presença de cerca de 4 milhões de muçulmanos na sociedade alemã: “Não temos muito Islã, temos pouco cristianismo” (novembro de 2010).

A propósito, no estacionamento da AVC havia uma van da própria missão, em cuja lateral estava escrito em inglês, em letras grandes: “A Europa precisa de Jesus”.

Trier

Os alemães são mesmo incrédulos e materialistas?

Trier, a cidade mais antiga da Alemanha, assemelha-se a Ouro Preto, no Brasil, tamanho o número de igrejas nela existente (mais de noventa igrejas e capelas). Entre elas está a Catedral de São Pedro, construída há mais de mil anos, quando, então, abrigava até 12 mil pessoas. Logo atrás desta está a Igreja Nossa Senhora, a igreja católica mais antiga da Alemanha. Não muito longe dali fica a Basílica de Constantino, hoje uma igreja evangélica.

A cidade estava em clima de festa e muitos se dirigiam para a catedral para ver uma túnica estendida sobre um móvel. Para os peregrinos que para ali concorriam, aquela era a túnica sem costura de Jesus

que os soldados sortearam entre si (Jo 19.23-24). A relíquia foi trazida para Trier por Santa Helena, mãe do imperador Constantino, que morou na cidade no quarto século. Naquela sexta-feira, 13 de abril, comemorava-se o 500º aniversário da primeira exposição pública da túnica dita de Jesus. A peça é exposta raramente (aquela era a nona vez). Uma delas aconteceu em 1933, exatamente no ano em que Hitler tornou-se chanceler da Alemanha. Curiosamente foi a mais concorrida, atraindo 2,2 milhões de peregrinos.

Ao ver toda aquela romaria, o Mineiro se perguntou se os alemães são mesmo incrédulos e materialistas, como se diz. Porém, lembrou que

carregar a cruz e negar-se a si mesmo é mais difícil do que participar de comemorações e festas, tanto no catolicismo como no protestantismo.

Trier é conhecida como a cidade dos museus. Um deles é o Museu Karl Marx, montado na casa onde ele nasceu, em 1818. Nas salas estão expostas manchetes de jornais da época, capas de seus livros (*O Manifesto Comunista*, de 1848, *O Capital*, de 1867) e pronunciamentos dele e de várias outras pessoas a seu favor ou contra ele. Marx não era religioso. Para ele, a religião é o ópio do povo. Foi ele quem declarou que o passado

revolucionário da Alemanha começou no cérebro de um monge (uma referência à Reforma Protestante), mas que “a revolução começa, atualmente, no cérebro do filósofo”. Disse também que “tudo que é sólido se dissolve no ar e tudo o que é sagrado se profana”.

A sinagoga, construída no bairro judeu de Trier, em 1859, foi profanada pelos nazistas um ano antes da Segunda Guerra Mundial (1938) e destruída pelos bombardeios aliados em 1944. Antes disso, os judeus foram levados para os campos de concentração (1942 e 1943). Oito séculos e meio antes, os judeus foram obrigados a receber o batismo cristão pelos cruzados. Contudo, quando estes foram embora, o arcebispo permitiu que eles voltassem aos seus ritos e crenças (1096).

Um folheto turístico afirma que a primeira iniciativa “infrutuosa” de introduzir a reforma religiosa em Trier deu-se em 1559 por meio de um jovem de 23 anos nascido na cidade, Gaspar Olivianus (1536–1587). Essa informação lembrou o Mineiro que, naquela mesma época (1555–1567), Jean de Bourdel e outros calvinistas franceses também não foram bem-sucedidos na implantação da Reforma no Brasil. Olivianus fez a revisão final do Catecismo de Heidelberg (1563) e Bourdel escreveu a Confissão Fluminense, o primeiro documento do gênero no Brasil.

Na viagem para Trier, ao atravessar uma ponte sobre o rio Moselle, na altura da cidade de Koblenz, Veiga contou ao Mineiro que, poucos dias antes, boa parte da população havia sido evacuada por medida de segurança. Por causa da seca, as águas do rio baixaram mais do que o normal, deixando à vista uma bomba da Segunda Guerra que poderia estar desativada ou não.



Maastricht

Cruzes e estrelas de Davi

De Aachen, o Mineiro atravessou a fronteira e passou por **Maastricht**, nos Países Baixos, onde foi assinado o Tratado da União Europeia há dez anos, graças ao qual veio a acontecer a unificação monetária europeia, com o euro. Os *coffee shops* dessa cidade vendem maconha livremente. Por esta razão, mais de 1 milhão de europeus por ano vão até lá, prática que começa a ser alterada. Visitar o cemitério militar americano de Margraten, perto dali, foi constrangedor. Lá estão enterrados 8.301 militares americanos mortos no último ano da guerra (entre setembro de 1944 e a primavera de 1945), logo depois do desembarque de mais de 125 mil soldados americanos, ingleses e canadenses na Normandia, até então ocupada pelos alemães. Ao todo são doze cemitérios na França, Bélgica, Luxemburgo, Grã-Bretanha e Itália, não contando os que foram construídos em outros continentes.

Nas cruzes de mármore dispostas com impressionante simetria, constam os nomes do militar e do estado americano em que nasceu e a data de sua morte. No caso dos soldados judeus, no lugar da cruz há uma estrela de Davi. Dos 8.301 nomes, 106 são desconhecidos. Uma placa indica que seus nomes são conhecidos por Deus. Ao fundo há uma torre que pode ser vista de longe. Em sua base há uma escultura que mostra uma mãe enlutada pela morte do filho. No interior da torre há uma capela. O Mineiro viu uma mulher que levava um buquê de flores para depositar em frente a uma das cruzes, supostamente parente do soldado morto. Ele recolheu três pétalas de uma flor e as guardou na página da Bíblia onde está o Salmo 23!

Na rápida visita a uma das 238 lojas da Ikea (presente em 34 países), uma companhia fundada na Suécia há quase 70 anos por um rapaz de 17, aconteceu



algo curioso. Quando o Mineiro e seus companheiros conversavam e comiam um lanche, um casal de holandeses de meia idade perguntou em que língua os quatro desconhecidos falavam. Isso provocou um agradável bate-papo e uma fotografia. Depois o Mineiro enviou ao casal um cartão sobre Jesus em holandês. Ele distribuiu mais de 120 exemplares desse cartão em alemão nos aeroportos, lojas e igrejas. Só uma pessoa se recusou a receber.

Praga

Só isto que eu quero: coração destemido, fé reta, esperança sólida e amor perfeito

Apesar de ter percorrido a pé o centro velho de **Praga**, cujos patrimônios arquitetônicos foram poupados de bombardeios, o Mineiro não conseguiu localizar o monumento consagrado a Jan Huss (1369–1415) — um dos mais notáveis precursores da Reforma Religiosa acontecida quase cem anos depois de sua morte (1517) — ao lado do inglês John Wycliffe (1328–1384), que muito o influenciou. Aquele homem, formado na Universidade de Praga e depois seu reitor (aos 32 anos), era muito ambicioso (no bom sentido). Pouco

antes de ser queimado vivo aos 46 anos, há quase seis séculos (6 de julho de 1415), Huss rogou ao Senhor: “Dá-me um coração destemido, fé reta, esperança sólida, amor perfeito, pois por tua causa entregarei minha vida com paciência e contentemente”. Ele é considerado reformador religioso (para ele apenas a pessoa de Jesus é chefe e cabeça da Igreja) e reformador da língua checa, por ter banido as formas germânicas do idioma.

No percurso entre Herrnhut e Praga, o Mineiro passou pela Morávia, quase dizimada durante a Guerra

dos Trinta Anos. Nela aconteceu o notável avivamento moraviano, sob a liderança de Christian David

(1691–1751), um simples carpinteiro que em 1722 se transferiu para a propriedade do conde Zinzendorf, em Herrnhut, levando consigo outros refugiados.



Pregador da Capela dos Santos Inocentes de Belém e reitor da Universidade de Praga, Jan Huss foi condenado pelo Concílio de Constança e queimado na estaca em 1415

Marburg

A mulher que se casou aos 14, enviuvou aos 20 e morreu aos 24



Na prateleira de um restaurante na parte histórica (e alta) de **Marburg**, o Mineiro viu “duas brasileiras”, a caipirinha e a batida de coco. A primeira custava 5 euros e noventa centavos e a outra, 2 euros e quarenta centavos. Ele havia acabado de visitar a famosa Universidade de Marburg, a primeira universidade protestante do mundo, fundada dez anos depois do início histórico da reforma religiosa levada a cabo por Martim Lutero na cidade alemã de Wittenberg, mais a leste (1517). Marburg, fundada há quase nove séculos (em 1140), é uma das cinco cidades universitárias clássicas da Alemanha. Ali estudaram as primeiras mulheres a obter formação universitária e doutorado em teologia e o conhecido teólogo suíço Karl Barth (1886–1968). Entre outros estudantes que ficaram famosos, estão os irmãos Grimm

(Jacob Ludwing Carl e Wilhelm Carl), que escreveram vários contos folclóricos alemães, como *Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho* e *A Bela Adormecida*.

Foi nessa cidade que aconteceu a famosa Conferência de Marburg, na primavera de 1524, com a presença de Lutero (1483–1546) e o reformador suíço Ulrico Zwinglio

(1484–1531), ambos quarentões, para discutir a presença real do corpo e do sangue de Jesus na Santa Ceia e outros assuntos divergentes entre eles. Algumas pessoas de renome, procedentes de várias cidades da Alemanha e da Suíça, participaram da reunião. Em um dos jardins internos da universidade está o busto do teólogo Rudolf Bultmann (1884–1976), ex-aluno e ex-professor de Novo Testamento da instituição.

Em uma das ruas da cidade alta, o Mineiro falou pelo telefone com Cacau, jogador de futebol brasileiro pouco conhecido no Brasil e naturalizado alemão, cristão fervoroso e um dos líderes de uma igreja evangélica de Stuttgart. Desde que chegou à Alemanha, aos 18 anos, participou de 326 jogos, fez 108 gols e jogou pela seleção alemã.

Sempre na companhia de Samuel Igor Kutenski, recém-chegado missionário brasileiro na Alemanha, o Mineiro visitou também a Igreja Elisabeth (Elisabethkirche), cujo templo em estilo gótico é o primeiro a ser construído em solo alemão. Chama-se Elisabeth em homenagem à condessa Elisabeth da Turíngia, que se casou aos 14, enviuvou aos 20 e morreu aos 24 anos. Ela fundou um hospital e dedicou a sua curta vida aos doentes. A monumental igreja foi construída no século 13. As torres medem 80 metros de altura e em seu interior estão os túmulos dos reis prussianos, da própria Elisabeth e de outros dignitários. Com a Reforma Protestante do Século 16, a Igreja Elisabeth tornou-se uma igreja protestante.

O Mineiro achou curiosa esta coincidência: tanto a cidade universitária de Marburg, na Alemanha, como a cidade universitária de Viçosa, em Minas Gerais, têm 20 mil estudantes, ambas com uma população de 80 mil habitantes.

Tabor é um nome bíblico. Refere-se à montanha isolada em forma de abóbada e de pouca altura (415 metros acima da planície) localizada nas proximidades do mar da Galileia. É também o nome de um simpático bairro de Marburg. Ele tem esse nome porque ali viveu a maior parte das famílias que foram alcançadas por um despertamento religioso, acontecido entre os luteranos há cem anos (1901).

Nesse bairro está a Missão Marburg, cujo diretor é Rainer Becker. No mesmo quarteirão estão uma igreja, um seminário, um lar de idosos — casa das irmãs diaconisas — e a sede da missão. Tudo é muito bonito. Uma vez por ano os pastores passam uma semana no seminário para reforçar a comunhão uns com os outros e com Deus. Dos cristãos que congregam na igreja do bairro, 80% são idosos de 75

anos para cima. O seminário, com boas acomodações, facilita o ingresso de candidatos ao ministério pastoral ou missionário. Todo o aglomerado — esclarece o missionário brasileiro na Alemanha Samuel Igor — está sob a Igreja Luterana, mas não ao lado dela, isto é, todos continuam luteranos, mas evitam o formalismo luterano e um possível liberalismo. Prospectos à disposição dos visitantes mostram o trabalho da Missão Marburg em diversos países, como Japão, Tailândia e Brasil (na cidade paranaense de Rolândia). A missão está lançando em alemão o famoso *Smilinguido* brasileiro. Em um dos prospectos lê-se: *Ich bin die*

ameise aus brasilien, Smilinguido (Eu venho do Brasil, Smilinguido).

Na sede da missão aconteceu uma importante reunião com a presença de dois diretores de missões (Rainer Becker, da Marburg Mission, e Alan Tower, da Latin Link), dois missionários brasileiros na Alemanha (Sérgio Veiga e Samuel Igor), um aluno de mestrado em missiologia do Centro Evangélico de Missões (Jony Wagner) e o diretor-redator de *Ultimato* e colaborador da Interserve Brasil. Nessa rara oportunidade, conversou-se sobre a possibilidade e conveniência de os missionários brasileiros destinados à Alemanha fazerem um estágio na Marburg Mission para conhecer

melhor a cultura e a língua do país. Todos pareceram simpáticos à ideia. Becker acredita que missionários brasileiros bem preparados seriam aceitos para trabalharem em favor da reevangelização da Alemanha. Ao falar sobre o seu país, Becker ficou emocionado e molhou os olhos de lágrimas. O diretor da Marburg repetiu o que já havia sido dito no escritório da Missão Nehemia: se os missionários brasileiros forem jogadores de futebol, melhor ainda, por causa da admiração do povo alemão pelo futebol brasileiro e por causa do testemunho destemido do evangelho que eles costumam dar em público.

O homem multid denominacional

Quem ouve a história de **Sérgio de Oliveira Veiga**, 52 anos, nascido em Espera Feliz, MG, é tentado a pensar que ele é um “vira-casaca”. Filho de uma presbiteriana, converteu-se no Rio de Janeiro e batizou-se em uma Igreja Batista em Espera Feliz. Porque a namorada era assembleiana e para continuar o namoro, tornou-se membro da Assembleia de Deus na mesma cidade. Depois de estudar no Instituto Bíblico Pentecostal — fundado por Nelson Lawrence Olson, no Rio de Janeiro — e de ser ordenado pastor — tendo pastoreado uma das igrejas da Assembléia de Deus em Manhuaçu, MG —, Sérgio foi adotado como missionário pela Igreja Nova Vida da Tijuca, tornando-se o pastor dessa denominação. Nove anos mais tarde, depois de junto com outros pastores da cidade ter estabelecido a entidade assistencial DAREI, aceitou o convite para fundar uma aldeia com estrutura familiar (Projeto Casa Lar) em Nova Friburgo, RJ, uma iniciativa

da organização alemã Humedica Internacional. Na ocasião, foi eleito presidente do Conselho de Pastores de Nova Friburgo. A essa altura, Sérgio tornou-se membro e bispo da Missão Evangélica do Brasil. O namoro de Sérgio com a Alemanha cresceu ainda mais quando ele participou de uma conferência da Humedica em Toronto, Canadá, e foi visitar a sede da organização na Alemanha, em 1999. Por fim, indicados por irmãos de Düsseldorf e convidados pela Comunidade Cristã Livre de Aachen, Sérgio e Margarida foram para a Alemanha com os filhos Rode (17), Levi (15), Síntique (14) e Lucas (9), onde estão há doze anos. O multid denominacional Sérgio Veiga é pastor de uma igreja multid denominacional e multinacional que funciona junto com a Comunidade Cristã Livre de Aachen. As filhas são casadas — uma, com o pastor da Igreja Pentecostal o Brasil Para Cristo (em Nova Friburgo); a outra, professora de português, espanhol e alemão na Universidade de

Aachen, com um engenheiro alemão. Os dois rapazes ainda estudam e moram também em Aachen — não na casa dos pais, como é costume na Europa. O maior dom de Sérgio Veiga é promover intercâmbio entre obreiros, igrejas e organizações. Apesar de não morar no Brasil, está por dentro de tudo o que acontece no país e conhece os principais líderes evangélicos brasileiros.



Sérgio e Margarida Veiga, há 12 anos na Alemanha

PARA FALAR COM SÉRGIO VEIGA e saber mais sobre o trabalho missionário na Europa, escreva para missoes@veiga.de

Nuremberg

A Alemanha não esconde dos alemães nem dos estrangeiros o passado horripilante do nazismo



Multidões aplaudindo Hitler na Arena Luitpold, em Nuremberg



Desfile da Juventude Hitlerista.

No Centro de Documentação do Nazismo, em **Nuremberg**, o Mineiro viu e ouviu muita coisa sobre os horrores da Alemanha de Hitler. Eram grandes e numerosos cartazes, fotografias, documentos e filmes lembrando de forma progressiva, de ambiente em ambiente, a marcha do nazismo. Cada visitante ouvia a descrição de

tudo que estava a sua frente em sua própria língua por um fone de ouvido. Se soubesse alemão, o Mineiro teria lido documentos inteiros, como a “Lei para proteção do sangue alemão”, de 15 de setembro de 1935, mais conhecida como as “Leis de Nuremberg”, que proibia o casamento de alemães com judeus, privava

os judeus da cidadania e fez da suástica o emblema da Alemanha. Algumas fotografias mostravam o esplendor de Hitler graças aos grandes espetáculos realizados ali perto, na Arena Luitpold, com a presença de uma multidão. Essas reuniões eram promovidas pela poderosa máquina de propaganda nazista, que se utilizava de aparatos militares para dar a Hitler a imagem de um salvador da pátria germânica. Alguns as consideram a maior arma de propaganda jamais inventada. A menor concentração aconteceu em 1923, com a presença de 20 mil nazistas. A maior, realizada em 1938, um ano antes da guerra, levou milhões de alemães a Nuremberg. Além dessas enormes concentrações, a propaganda nazista era feita também por meio de filmes. O mais notável foi o *Triumph des Willens* (Triunfo da Vontade), com duas horas de projeção, sendo que o próprio Hitler aparece em um terço do filme. Esse longa-metragem, lançado em Berlim em 1935 e projetado também em escolas, tornou-se a base da memória visual dos comícios realizados em Nuremberg.

Outras fotografias mostram coisas muito diferentes, como o genocídio dos judeus. O título do livro sobre o Centro de Documentação parece dizer tudo: *Fascinação e Terror*. Também em Nuremberg, a “capital espiritual do nazismo” — no ginásio do Palácio da Justiça —, dez criminosos de guerra nazistas, depois de julgados e condenados à morte pelo Tribunal Militar Aliado e depois

de receberem assistência religiosa de um padre católico e de um pastor protestante, foram enforcados.

Há outro Centro de Documentação em Obersalzberg, que na época da guerra era o lugar onde Hitler passava férias e tomava importantes decisões políticas. Seu objetivo é informar, de maneira científica — mas compreensível a todos — o passado histórico complexo e rico de eventos, além de suscitar reflexão e análise. Ao mesmo tempo, o centro se preocupa em lutar contra o extremismo de

direita — antigo e recente — e contra a reativação de ideologias e slogans nacional-socialistas, principalmente entre os jovens, como se lê em um folheto que o Mineiro encontrou em Nuremberg.

É notável que a Alemanha não esconda dos alemães nem dos visitantes estrangeiros esse passado horripilante do país. A Bíblia também não esconde a feiura das guerras travadas em Israel e países vizinhos. Em muitos casos, esses desastres geram temor e podem

enfraquecer os neonazistas de hoje. A propósito, o Mineiro encontrou na revista Für Demokratie de dezembro de 2011 dois artigos oportunos. O primeiro fala dos neonazistas e compara o terrorismo de esquerda com o de direita. O outro mostra como o Holocausto foi por décadas escondido e não encarado. Aborda também a tentativa da extrema direita de eliminar a consciência do que aconteceu nos bastidores da guerra travada por Hitler.

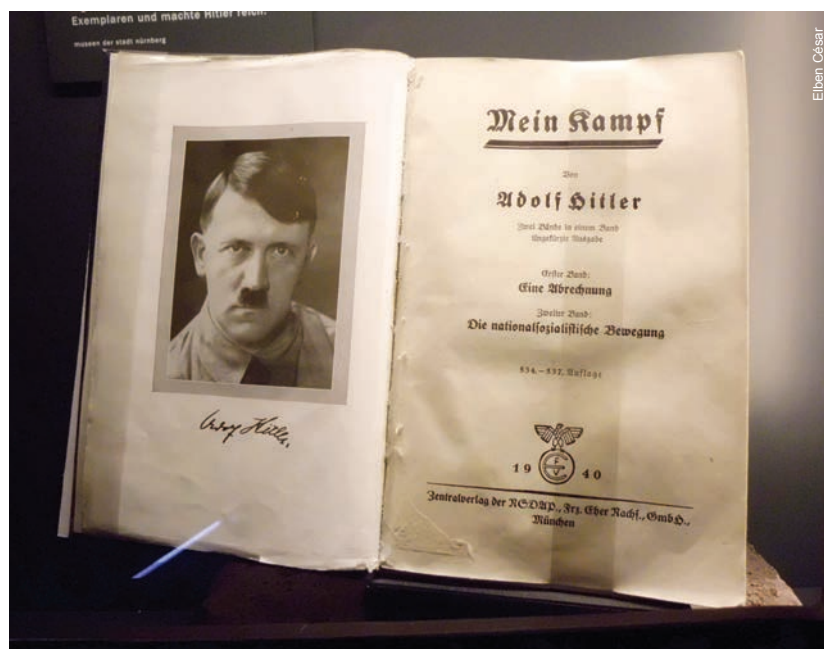
Stuttgart

Mein Kampf — presente de casamento e de formatura

Em **Stuttgart**, o Mineiro hospedou-se outra vez (a primeira delas foi em 2003) com o engenheiro alemão Jörg Schuheida e sua esposa, brasileira, Luciana. Antes de se reconciliar com Cristo (abandonou o evangelho aos 15 anos), ela era sambista de prestígio no Rio de Janeiro (fazia parte das mulatas do Sargentelli) e dona de uma empresa de shows na Alemanha (a Rio Samba). À mesa da refeição, estavam uma das filhas de Luciana e seu marido, Isac, filho de um chinês convertido na China, chamado Liu Zhenying, mais conhecido como Irmão Yun, ou *O Homem do Céu*, título de sua autobiografia, publicada em português pela Editora Betânia. Fabiana e Isac conheceram-se e casaram-se na Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte. No Museu de Sinsheim, nos arredores de Stuttgart, estão expostos jipes, tanques, aviões, armas usadas na guerra, entre outras coisas. Vários bonecos de tamanho

natural estão vestidos com fardas dos exércitos alemães ou dos aliados. Lá está também um exemplar do *Mein Kampf* (Minha Luta), de Adolf Hitler, escrito em 1924, o qual se tornou um guia ideológico e de ação para os nazistas. Quando Hitler foi

nomeado chanceler (1933), cerca de 1 milhão de exemplares foram vendidos. Era comum presentear crianças recém-nascidas com o livro, bem como nubentes, como presente de casamento, e estudantes que se formavam.



Herrnhut

A pequena cidade que abençoou o mundo

Ao entrar em **Herrnhut**, uma cidade da Saxônia, o Mineiro quase tirou as sandálias dos pés (Êx 3.5) em respeito ao que aconteceu ali quase 300 anos antes, no correr do século 18. Por ser uma cidade pequena (não passava de 5 mil habitantes em 2009), veio à sua lembrança a profecia de Miqueias cumprida por ocasião do nascimento de Jesus: “Belém-Efrata, você é uma das menores cidades de Judá, mas do seu meio farei sair aquele que será o rei de Israel” (Mq 5.2; Mt 2.6). Pois de Herrnhut saíram centenas de missionários para os lugares mais remotos e difíceis do mundo. Só para as então chamadas Índias Orientais (Antilhas) foram 67 missionários. Outros viajaram para o Labrador (Canadá), Groenlândia, África do Sul, Índia, alguns países da América do Sul e Estados Unidos (para trabalhar com os índios). Na década de 1720, aproximadamente 2 mil pessoas ofereceram-se como voluntárias para missões transculturais (25% eram mulheres). O trabalho que realizaram era tão notável que, cem anos depois, o padre Diogo Antônio Feijó, então regente do Império (1835–1837), solicitou ao embaixador do Brasil em Londres que providenciasse a vinda de duas corporações dos Irmãos Morávios para trabalhar com indígenas brasileiros, o que não aconteceu. Esse despertar missionário é notável porque a mentalidade protestante da época não se sentia responsável pela evangelização mundial. O teólogo Johann Gerhard (1582–1637), por exemplo, em sua *Luci Theologici*, dizia que a diferença entre os apóstolos e os cristãos de então era que àqueles Jesus entregou a tarefa de evangelizar até os confins da terra (Mt 28.19-20) e a estes a orientação era permanecer onde Deus os colocara. Foi por

causa dessa reviravolta, acontecida especialmente em Herrnhut, que o Mineiro quase entrou descalço na cidade.

Não se podem mencionar as palavras *Herrnhut* e *morávios* sem relacioná-las com o conde Nicolau Ludwing von Zinzendorf (1700–1760). Embora nascido em Dresden, esse homem rico e nobre, casado com uma mulher da mesma posição social e cultural, foi viver em Herrnhut, onde tinha uma grande propriedade herdada da avó em 1727, com a idade de 27 anos. Zinzendorf, apenas 15 anos mais novo que os famosos compositores alemães nascidos no mesmo ano (1685), Bach e Handel, cedeu suas terras, onde hoje fica a cidade de Herrnhut (cujo significado é “o tabernáculo do Senhor”), para abrigar os refugiados da Morávia, na fronteira da República Checa com a Alemanha. Eles eram descendentes espirituais de John Huss e perseguidos por sua fé. Além de protetor, o conde tornou-se o líder desses morávios.

O Mineiro visitou todos os lugares históricos relacionados com Zinzendorf — a igreja, o museu, a praça onde está o busto do conde, o cemitério e a torre no alto do cemitério. Na livreria dos morávios, comprou algumas biografias de Zinzendorf e de Erdmuth Dorothea, sua primeira esposa. Outro livro tem o sugestivo título que faz lembrar a passagem de Miqueias: *The Little Town that Blessed the World* (A pequena cidade que abençoou o mundo).

Ao chegar em casa, o Mineiro procurou recordar a história do conde e dos morávios. Com a morte do pai semanas depois de seu nascimento e o novo casamento da mãe, Zinzendorf foi morar com a avó, de quem

recebeu a influência pietista. Na Universidade de Halle, fundada por Filipe Jacó Spenner (1635–1705), chamado “o pai do pietismo”, de quem era afilhado, Zinzendorf foi aluno de Augusto Hermann Francke (1633–1727), outro notável pietista. Porém o que levou o conde a “conhecer e tornar conhecido o nome de Jesus” (lema dos morávios) foi um mero acontecimento. Em 1719, ao passar por Dusseldorf, ele viu um quadro de Jesus na cruz, intitulado *Ecce Homo* (“Eis o homem”, de Pilatos), do pintor italiano Domenico Feti, morto 65 anos antes. Embaixador havia uma inscrição que dizia: “Tudo isso eu fiz por você, o que você está fazendo por mim?”. Isso foi suficiente para o rapaz de 19 anos tornar-se um dos cristãos mais apaixonados e cristocêntricos da história.

Ordenado pastor e bispo luterano apenas aos 34 anos, Zinzendorf naturalmente não acertou em tudo. Por falta de capacidade administrativa, enfrentou situações difíceis e, por se dedicar demais ao trabalho e às viagens, descuidou um pouco da mulher e dos filhos. Houve também da parte dele e dos morávios certa ênfase demasiada na morte de Jesus, dando lugar a um misticismo meio mórbido. Outra observação que seus biógrafos fazem é que o conde, embora tenha renunciado à sua vida como um nobre, nunca foi capaz de suprimir o gosto pela boa vida e teve dificuldade em descer ao nível de um missionário “fazedor de tendas” — o que não aconteceu com Jesus, que “esvaziou-se a si mesmo” e “humilhou-se a si mesmo” (Fp 2.5-8). O fato é que nos primeiros cem anos de atividade (de 1732 a 1832), os Irmãos Morávios obtiveram o impressionante número de 40 mil membros, 209 missionários



Luciana Helena, diretora espiritual dos jovens da JOCUM na Alemanha, em frente à sede da organização



Cemitério dos moravianos em Herrnhut

e 41 centros de missões ao redor do mundo. Em 150 anos enviaram 2.158 missionários! Um ano depois de viúvo, Zinzendorf casou-se novamente, desta vez com uma camponesa, o que causou algum descontentamento por parte dos familiares. Ele e ela morreram três anos depois (em 1760). Raymond Friesen, um canadense residente em Herrnhut desde 1994, contou ao Mineiro que na época da Segunda Guerra, enganada pela propaganda nazista, toda cidade — com exceção de duas famílias — deu apoio a Hitler. Chegaram a trocar o nome da rua nova por rua Adolf Hitler e encher a cidade de suásticas. Em maio de 1945, no final da guerra, a cidade foi ocupada pelos exércitos russos e incendiada, não se sabe se por iniciativa das tropas de ocupação ou pela própria resistência alemã em seu desespero.

O Mineiro continuou com pés descalços ao visitar um pequeno castelo ali mesmo em Herrnhut. Ao contrário dos castelos medievais, que tinham ao seu redor o fosso, altos muros e a ponte levadiça, impedindo a entrada de pessoas estranhas, o castelo visitado é totalmente acessível.

Ali trabalham muitos jovens de várias nacionalidades. Em vez de ter uma pequena capela em seu interior, como acontecia nos velhos castelos alemães, todo o castelo de Herrnhut é uma capela, onde se cultiva a vida espiritual e onde se ora em favor dos dependentes de drogas, das crianças e mulheres vítimas de tráfico sexual, das pessoas que se declaram agnósticas e ateias, dos cristãos apenas de batismo, daqueles que passam fome e frio. Esses jovens ali se encontram, oram, tomam suas refeições, realizam pesquisas e projetos missiológicos, mas não moram no castelo, e sim na cidade. Há apenas uma exceção: a única brasileira do grupo ocupa uma quitinete do castelo, pois ela é sua diretora espiritual (uma espécie de pastora). Trata-se da mineira Lucimar Helena da Silva.

O castelo de Herrnhut era da Cruz Vermelha e foi comprado pela JOCUM por 300 mil euros (bem abaixo do preço real) para ser a sede da missão na Europa. JOCUM (Jovens Com Uma Missão) é a tradução de Youth With A Mission (YWAM), uma missão internacional e interdenominacional

empenhada na mobilização de jovens de todas as nações para a obra missionária, fundada em 1960 pelo casal americano Loren e Darlene Cunningham. Mais de 30 mil pessoas participam dos programas de curto prazo e escolas de treinamento da JOCUM em muitos países, inclusive no Brasil, onde a missão tem 53 escritórios e centros de treinamento. Dos 16.590 missionários em 171 dos 238 países do mundo, 1.300 são brasileiros.

Lucimar explicou ao Mineiro que o grande desafio da base europeia da JOCUM é enviar equipes de missionários para o Leste da Europa, uma área pouco lembrada pelas missões. Ela se refere à Bulgária, Croácia, Grécia, Hungria, Kosovo, Macedônia, Moldávia, Romênia, Sérvia e Ucrânia. Além de ser um lugar estratégico por estar quase na fronteira da Alemanha com a República Checa, o casamento do pessoal da JOCUM com a história dos morávios é bastante salutar. Um dos prospectos que o Mineiro trouxe do castelo da JOCUM é sobre um projeto de socorro a treze meninas de 12 a 17 anos que trabalham no lixo de Addis Ababa, na Etiópia.